

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL**

**ESTUDANTES MOÇAMBICANOS EM BELO HORIZONTE: UMA
DISCUSSÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E DE
REDES DE SOCIABILIDADE**

YARA NEUSA NGOMANE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Igor José de Renó Machado.

São Carlos, Outubro 2010

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

N576em

Ngomane, Yara Neusa.

Estudantes moçambicanos em Belo Horizonte : uma discussão sobre a construção identitária e de redes de sociabilidade / Yara Neusa Ngomane. -- São Carlos : UFSCar, 2010.

100 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Comunidades urbanas. 2. Moçambicanos. 3. Identidade. 4. Redes de relações sociais. 5. Etnia. 6. Parentesco. I. Título.

CDD: 307.76 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas@power.ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Yara Neusa Ngomane

20/10/2010

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar



Aos meus Avós.

AGRADECIMENTOS

Pai e Mãe, Nataniel Ngomane e Olga Faftine: meus ídolos, fontes de garra e inspiração, obrigada por estarem sempre presentes.

Minha irmã Awassi, sempre querida e pronta para me fazer rir.

À FAPESP pelo financiamento, sem a qual a pesquisa não teria sido realizada da mesma maneira.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), em especial ao Prof. Dr. Igor Machado, pela orientação e paciência; e ao Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo pelas críticas no trabalho de qualificação.

Aos grandes amigos que me receberam de braços abertos em Belo Horizonte: Carlos Gonsalves, Charmila Alibhai, Elsie Coelho, Hairton Panguana, Luís Santos, Nácer Mondlane, Raquel Pereira e Samira Amade. Obrigada pelos conselhos e momentos, pelas lágrimas e risadas compartilhadas.

À minha grande amiga Luciane Cavalcanti, que me enche de felicidade sempre que falamos e que podemos estar juntas.

Um agradecimento especial também vai para todas as meninas da turma PPGAS 2008 pelas discussões teóricas e “dicas” que me ajudaram a escrever a dissertação, assim como pelas cervejas geladas nos momentos de stress.

Ao Joe, pelo apoio, amizade e amor incondicional.

E por fim, mas nem por isso menos importante, à todos os estudantes moçambicanos em Belo Horizonte. Sem vocês, este trabalho não existiria.

Khanimambo!

*[...] E há quem diga que exista pobreza absoluta, mas discordo por que o meu povo é
bem rico de espírito...rico de vida, rico de cultura e de alma.
Tenho Moçambique inteiro tatuado na palma da minha mão, tatuado na pele, no
sangue e até no coração [...]*

[Proofless- Povo Moçambicano]

RESUMO

A pesquisa mostra como são construídos os processos identitários de estudantes moçambicanos estabelecidos em Belo Horizonte - que chegam por meio de convênios entre os governos e instituições superiores de ambos os países - e de que maneira são tecidas suas redes de sociabilidade. Para tal, foi observado como estes estudantes se relacionavam entre si, com brasileiros e com africanos de outras nacionalidades em suas relações cotidianas. Através do trabalho de campo notou-se neste fluxo migratório, redes familiares e de parentesco sendo re-construídas. Da mesma maneira, por meio de histórias de preconceitos e exotismos sobre o modo de ser e de viver destes sujeitos, sua fenotípi e seu comportamento, percebeu-se como as relações étnicas e raciais se operavam nesses estudantes e eram transformadas em território brasileiro. Assim, ao longo da dissertação recorre-se aos conceitos de etnia, raça, nacionalidade, parentesco e redes de sociabilidade pois, estes mostram-se imbricados para uma melhor compreensão da presença destes estudantes moçambicanos no Brasil.

Palavras-chave: Identidade, moçambicanos, redes de sociabilidade, etnia, parentesco.

ABSTRACT

The paper shows how identity processes are built for Mozambican students established in Belo Horizonte - arriving through agreements between governments and higher institutions of both countries - and how are woven their social networks. To this end, these students were observed as they related to each other, with Brazilians and Africans of other nationalities in their daily life. Through the fieldwork was noted in this migration, family networks and kinship being re-built. Likewise, through stories of prejudice and exoticism about the way of being and living of these individuals, their phenotype and behavior, it was perceived as ethnic and race relations were taking place and these students were transformed into Brazilian territory. Thus, throughout the dissertation refers to the concepts of ethnicity, race, nationality, kinship and social networks because they are interwoven to show a better understanding of the presence of Mozambican students in Brazil.

Key words: Identity, Mozambicans, social networks, ethnicity, kinship.

SUMÁRIO

Apresentação	8
Introdução	10
Relações entre Brasil e países africanos: contexto histórico	12
1.Pressupostos Teóricos	14
1.1. Nação, Etnia e Redes Sociais	20
2. Metodologia e trabalho de campo	23
2.1. O contato com os estudantes	24
2.2. Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G)	30
2.3. Programa Convênio Ministério da Agricultura – FEAD	32
2.4. Programa Convênio Universidade Politécnic a – UNA/PUC-Minas	34
2.5. Estudantes por conta própria	35
3.Representações e processos de exotização	37
4.Amizades e redes de sociabilidade	47
4.1. Entre a festa e a identidade: proximidades e distanciamentos	54
5.Transformações raciais no Brasil	58
5.1. Entre o exótico e o estereótipo	61
5.2. A busca da <i>moçambicanidade</i>	65
5.3. “Re-Construindo” Moçambique no Brasil	69
6. A fabricação do parentesco	71
6.1. A comida	75
6.2. Relações afetivas	80
6.3. Circulação de bens.....	84
Considerações finais	88
Bibliografia	93

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa pretende discutir de que maneira são construídos os processos identitários de estudantes moçambicanos estabelecidos em Belo Horizonte (nos últimos cinco anos) pelos diferentes tipos de programas convênios entre o Governo e algumas instituições moçambicanas com universidades brasileiras. Quais mecanismos esses estudantes se apoderam para tecer suas redes de sociabilidade, para se definirem e para serem definidos em relação aos outros; quais práticas culturais são utilizadas ou descartadas por estes sujeitos a fim de manter uma distinção em relação aos demais (sejam estes estudantes brasileiros ou africanos de outra nacionalidade) e como conseguem manter os limites dessa distinção, foram algumas das questões que se tentou responder para discutir como se dá o processo deste fluxo migratório. Nacionalidade, etnicidade, raça e redes de sociabilidade mostraram-se como temas imbricados no cotidiano destes estudantes e foram igualmente discutidos ao longo da dissertação.

Desta maneira, na introdução será exposto o que levou a me interessar por este assunto, algumas discussões sobre a questão identitária em Moçambique e em que período as relações políticas e vários programas de cooperação de natureza bilateral (entre eles os programas de formação de estudantes em universidades brasileiras) surgiram entre ambos países. No capítulo 1 apresenta-se uma discussão teórica sobre os conceitos de identidade, etnia, nacionalidade e redes que serão vistos ao longo da dissertação. Também são apresentados estudos de autores que pesquisaram a presença de africanos e, especificamente, moçambicanos em Portugal, bem como no Brasil.

No capítulo 2 discuto a metodologia usada no trabalho e como se deu a minha inserção no campo, bem como a descrição detalhada de cada convênio responsável pela presença dos estudantes em Belo Horizonte. No terceiro capítulo se entenderá os vários motivos que levam estes estudantes a vir ao Brasil, compreendendo que estes já chegam com representações do país que vão, aos poucos, se desmistificando. Neste mesmo capítulo analisaremos os processos de estereótipo e exotização que os estudantes sofrem ao longo do período de sua permanência cá. No capítulo 4 discorro de que modo as diferentes redes de sociabilidade são tecidas entre os moçambicanos, entre estes e africanos de outra nacionalidade e entre aqueles e brasileiros.

O racismo, bem como o processo de exotização discutido no capítulo 3, leva a uma reconstrução de um Moçambique e a uma busca, por parte destes estudantes, de uma *moçambicanidade* em terras brasileiras assunto que será analisado no capítulo 5. No capítulo seguinte veremos como o assunto família e parentesco se mostra como chave nas relações sociais destes estudantes, chegando mesmo a ditar seus relacionamentos amorosos e de amizade. Ainda neste capítulo veremos como a comida, a casa e a circulação de bens se apresentam como pilares para a fabricação do parentesco. Por fim, estão expostas as considerações finais.

INTRODUÇÃO

Uma vez enquanto passeava por São Paulo, um conhecido meu moçambicano que estava cá de férias, virou-se para mim e disse: *Tu já não és mais moçambicana*. Afirmou isso após saber que eu morava há dez anos no Brasil, não tinha vindo por nenhum dos programas convênios de formação de estudantes, meu sotaque tinha se alterado e alguns dos meus pontos de vista, sobre certas práticas culturais e maneiras de pensar de parte da sociedade moçambicana, estavam na contra-mão do senso comum. Daí em diante pus-me a pensar o que seria, então, ser moçambicano? O que fazia de alguém um *moçambicano* ou um *não-moçambicano*?

Cabaço (2007) em sua tese sobre identidades, colonialismo e libertação em Moçambique, mostra que durante o processo de colonização, os grandes impérios e reinos derrotados pelos portugueses foram divididos numa multidão de “etnias”. Desenhado assim o “mapa étnico”, passou-se a idéia de que ele representava aquilo que sempre tinha sido a sociedade moçambicana.

“Para a consolidação do poder da minoria ocupante o colonialismo sentiu a necessidade de “fixar” cultural e territorialmente as diferenças existentes entre as populações das colônias. O “mapa étnico” organizado [...] assumiu um caráter instrumental. Ele serviu quer no período de ocupação para dividir a resistência, quer, na luta de libertação, para combater a idéia de unidade nacional promovida pela Frelimo”. (Cabaço, 2007, p. 20).

Dessa maneira, como descreveu Cabaço (2007), no norte encontravam-se os Macondes (Makonde) com suas áreas de influência organizadas em inúmeros e pequenos aglomerados populacionais. Com regime matrilinear e matrilocal, sua tradição produtiva era essencialmente “de subsistência” ou artesanal (estátuas esculpidas em ébano). Na parte sul do território predominavam os Changana (Shangane) e, até o fim do século XIX, toda a região era dominada por um vasto e estruturado império: o império de Gaza (que se estendia ao centro do território). Área de ocupação religiosa bastante intensa (com predominância católica, mas relevante presença de missões protestantes) e de grande fluxo migratório da população para os países fronteiriços (a África do Sul e a Rodésia do Sul, atual Zimbabwe) – o que permitiu que houvesse intenso contato com as realidades industriais complexas vizinhas.

No centro do país, grande corredor ferroviário internacional, predominava o grupo Chona (Shona) que também tinha fortes laços com as populações transfronteiriças na Rodésia do Sul. E, finalmente, entre o norte e o centro do país residia a numerosa nação Macua (Makua), mais de um terço da população do país, que, com forte influência islâmica em muitos aspectos de sua cultura, se desdobrava em vários grupos hierarquizados entre si. Nota-se, portanto, o grande mosaico de grupos etno-lingüísticos existentes em Moçambique.

Anteriormente a Cabaço (2007), o sociólogo moçambicano Carlos Serra organizou um livro intitulado *Identidade, Moçambicanidade e Moçambicanização* (Serra, 1998) mostrando também, através do debate plural entre filosofia, antropologia, sociologia, história, geografia e literatura, que longe de se chegar a um consenso de identidade nacional una, Moçambique ainda é, portanto, o país da interrogação, da ambigüidade e da construção identitária. Atualmente contando com uma população de aproximadamente 19 milhões de habitantes, dos quais 70% vivem em áreas rurais¹ e tendo o português como língua oficial (ensinada formalmente nas escolas e veiculada nos órgãos de comunicação social, apesar de 60,5% da população ser considerada analfabeta nessa língua, mesmo escrevendo em outras línguas locais)², o país é composto por vinte e quatro (24) grupos linguísticos, e não escapando das influências da globalização e dos discursos do neoliberalismo ocidental, a sociedade moçambicana é então caracterizada como multiétnica e multicultural.

Pois bem, como Anderson (1989) referiu, por meio de costumes, valores, crenças e práticas cotidianas partilhadas coletivamente também têm-se o sentimento de pertencer a uma determinada nação. Segundo este autor, a nacionalidade é o sentimento que os indivíduos têm de pertencer não somente a uma entidade política, mas uma comunidade política imaginada.

“Imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão. [...] Finalmente, a nação é imaginada como *comunidade*

1 Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), órgão moçambicano, no ano de 2005.

2 De fato, em amplas áreas de Moçambique as pessoas falam suas línguas “maternas”, cujas primeiras gramáticas – como no caso do ronga, emákhwa e ndau – foram elaboradas pelos missionários que chegaram à região entre finais do século XIX e início do século XX (Macagno, 2005).

porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal”. (Anderson, 1989: p.15- 16).

Percebendo, pois, que a questão inicial *o que seria um moçambicano?* era de difícil resposta, comecei a pensar o que seria, então, um *moçambicano* como eu, (estudante) fora de Moçambique? Quem seriam esses estudantes? Onde viveriam? Como viveriam? Como seria seu cotidiano? Como passariam seu tempo livre? Como teceriam suas redes de sociabilidade? Como, ao conviverem juntos, imaginariam e representariam seu lugar de origem?

Relações entre Brasil e países africanos: contexto histórico.

A inclusão da África como interesse na agenda da política externa brasileira deu-se, conforme Saraiva (2002), de maneira tímida e gradativa, a partir de finais dos anos 1940 e inícios de 1950³. Esse processo obedeceu a ciclos de aproximação e esquecimento, variando de acordo com o contexto mundial ao longo das décadas. O ambiente da descolonização africana abriu brecha para um relativo renascimento do interesse brasileiro pelo continente africano no mundo contemporâneo, pois, tal como referem Gala e Saraiva (2000), aquele momento de descolonização se tornava num ponto forte de manobra para interesses da inserção internacional do Brasil e sua afirmação no contexto do pós-guerra. Daí que se tenha observado um significativo crescimento nas relações entre o Brasil e os países africanos de língua oficial portuguesa a partir da segunda metade da década de 1970⁴.

Foi nesse período que Brasil e Moçambique estabeleceram diversos programas de cooperação de natureza bilateral e multilateral nos quais se destacam uma série de programas de formação de estudantes moçambicanos em universidades brasileiras, que

³ Segundo GALA e SARAIVA (2000, p.2) “as razões são tributárias da competição entre produtos primários africanos e brasileiros no mercado internacional e das relações especiais entre o Brasil e Portugal, diante da formulação da Comunidade Luso-Brasileira e das manifestações incipientes do intrincado processo de descolonização da África Portuguesa”.

⁴ Até ao início dos anos 1970 a África representava apenas cerca de 2% dos intercâmbios comerciais brasileiros. Em meados da década de 1980 esse percentual subiu para 10% (cf. GALA e SARAIVA, 2000).

se configuram como uma das principais bases da sua presença em território brasileiro. Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, bem como a maioria dos estados brasileiros, contam com a presença de moçambicanos em suas capitais e cidades do interior, cursando graduação, pós ou fazendo especialização em determinada área. Em algumas cidades apenas um moçambicano se faz presente, já em outras o número de estudantes é bem maior. Belo Horizonte é a capital com o maior contingente de moçambicanos, contando com trinta (30) estudantes no ano de 2009 e, por essa razão, foi escolhida como lugar para o desenvolvimento deste trabalho.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa pretende refletir de que maneira são construídos os processos identitários desses estudantes. Ou seja, de que modo é que conceitos como etnia, raça e nacionalidade se conjugam para que esses estudantes se definam e sejam definidos pelos outros; quais práticas culturais são utilizadas ou descartadas por esses sujeitos, para manter uma distinção em relação aos outros, e como são tecidas as suas redes de sociabilidade no cotidiano brasileiro.

Discussões sobre questões identitárias têm sido freqüentes nos estudos das Ciências Sociais. Na base dessas discussões está a busca da compreensão dos elementos que a constroem e das formas de representação operadas para que determinado grupo social se defina e seja definido em relação a outros. Explica-se, assim, que tenha sido primordial, durante o trabalho etnográfico, observar e analisar de que maneira os estudantes moçambicanos se relacionavam entre si, no seu cotidiano, bem como de que maneira as suas relações eram estabelecidas com os que estão de “fora”, isto é, brasileiros e africanos de outras nacionalidades.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo apresentam-se os conceitos julgados fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, nomeadamente, *identidade*, *nação*, *etnia* e *redes sociais*, explicando a sua importância para a análise do material recolhido na pesquisa de campo.

Toma-se como ponto de partida para a discussão de identidades nesta dissertação, a preciosa contribuição da teoria de Stuart Hall (2003) que, contrária a fantasiosa idéia de uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente, demonstra que à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis.

Para Hall (2000), o sujeito de agora se diferencia do sujeito do iluminismo: indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Tampouco é igual ao sujeito fruto de reflexão da sociologia clássica, sem autonomia, nem auto-suficiência, mas formado na relação com a sociedade; o núcleo desse sujeito sociológico, o “eu real”, se forma e modifica num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e com as identidades que esses mundos oferecem.

Para este autor o sujeito, definido historicamente, assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. As mudanças estruturais na sociedade transformam esta em fragmentadas “paisagens” - culturais, de classe, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, etc. - que no passado tinham o papel de fornecer, nos indivíduos sociais, sólidas localizações. Atualmente, segundo Hall (2003), assiste-se a uma descentralização do sujeito, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos e em situações de diáspora⁵, a identidade que não é fixa mas está suspensa e em transição torna-se, portanto, múltipla.

Lendo autores como Cuche (1999), percebe-se que tais identidades só existiriam em relação a uma outra, não sendo originais e permanentes. Quando Denys Cuche

⁵ O próprio conceito de diáspora, ainda segundo Hall (2000) se distancia de um conceito fechado, que se apóia num binarismo e numa oposição rígida entre o dentro e o fora, passando a ser lugar de passagem que se desliza ao longo de um espectro sem começo nem fim.

(1999) discorre sobre identidade em seu livro *A noção de cultura nas ciências sociais* percebe-se que a “identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe o grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (CUCHE, 1999, p. 182), indo ao encontro de teorias como a de Barth (1969) que emprega a manifestação relacional como primordial para a análise deste conceito.

Levando em conta esta concepção de identidade proposta por Cuche (1999) permite-se ultrapassar a alternativa “objetivista” deste conceito que considera como critérios determinantes a origem comum, o vínculo com um território, a mesma língua e religião limitando este fenômeno a algo estático, invariável e quase imutável; ou ainda, a maneira “subjetiva” que encara a identidade de uma maneira reducionista levando a uma questão de escolha individual arbitrária, em que cada um seria livre para escolher suas identificações enfatizando assim, o seu aspecto fantasioso e efêmero. Segundo este autor deve se considerar a identidade como uma construção e reconstrução constante no interior das trocas sociais, no qual o estudo das relações coloca-se, então, como o centro de análise.

Em Pina Cabral (2002) também se reforça a idéia de uma relação dialética entre identidade e alteridade, pois “todas as identidades são [...] o produto de um encadeamento e entrecruzamento de instâncias particulares de identificação e diferenciação. Mais ainda [...] as identidades são constituídas na relação entre o eu, o mundo e o outro”. (CABRAL, 2002, p.8), existindo sempre em relação a uma outra e tornando-se toda identificação, ao mesmo tempo, diferenciação.

Alguns trabalhos já discutiram os mecanismos particulares de constituição das identidades sociais de moçambicanos, e imigrantes africanos no geral, no Brasil e também em Portugal. É o caso das pesquisas de Khan (2004) e Gusmão (2004), autoras que analisaram a presença de imigrantes africanos e, especificamente, moçambicanos em Portugal.

Gusmão (2004) se deteve na realidade de imigrantes africanos dos PALOP (Países Africanos de Língua Portuguesa) e de seus filhos na sociedade portuguesa, em particular, na cidade de Lisboa. Seu objetivo se focou em analisar os caminhos de inserção social, econômica e cultural, do que a autora denominou de “africanos-portugueses” ou “lusos-africanos”, a fim de discutir a constituição da identidade social desses sujeitos que nasceram nas ex-colônias portuguesas, mas que viviam em Portugal.

Em seu trabalho Gusmão (2004) estabeleceu um rico debate ao cruzar a condição étnica (origem e cor) e o campo das relações sociais dos imigrantes dos PALOP em Portugal, mostrando que eles carregavam consigo a dupla e ambígua condição de ser e não ser portugueses. Imigrantes pertencentes a diferentes gerações (pais e filhos, jovens e velhos), os jovens ainda que não rejeitassem suas culturas de origem, ou a de seus pais, sentiam-se mais parte da cultura portuguesa do que os mais velhos. Para essa segunda geração de africanos em Portugal, o continente africano não era um lugar possível de retorno e ficava tão longe quanto outro país qualquer, mas através de alguns elementos de africanidade como a comida, o modo de falar e se vestir aliado ao espaço físico e social de suas escolas e bairros, iam, portanto, negociando sua identidade na sociedade portuguesa.

Khan (2004), por sua vez, através de narrativas de vida e da vivência de imigrantes “afro-moçambicanos” chamados de assimilados no tempo da colonização e que optaram por prosseguir com suas vidas em Portugal, busca entender o que é hoje o Portugal pós-colonial na opinião daqueles que, atualmente vivendo no país europeu, outrora eram colonizados por este; bem como, de que maneira a consciência desse processo histórico pós-colonial se faz presente no país nos dias atuais. Usando as palavras da autora, ela busca, então, responder “a que pátria cultural e identitária pertencem estes imigrantes?” (KHAN, 2004, p.21)

De acordo com Khan, ao assimilado em Moçambique exigia-se o abandono dos seus costumes, de sua língua, modo de estar e de sentir “nativos” concedendo-lhes, em troca, uma vida de supostas prerrogativas e benefícios por parte dos portugueses. Dessa maneira, numa classificação social que vigorava nas colônias portuguesas na África, os assimilados ainda que não fossem considerados iguais aos portugueses brancos (que ocupavam o primeiro lugar nesse esquema social) ocupavam um nível superior comparados à população indígena. Ao analisar as trajetórias de vida desses sujeitos, a autora percebe que se por um lado a presença ideológica e política do colonialismo português foi afastada da história moçambicana, a sua herança nas mentes e identidades desses sujeitos sociais (que tinham uma vida privilegiada e estável em Moçambique) mantinha-se intacta e imune à erosão do tempo, levando-os à um projeto de emigração para Portugal.

Porém, ao chegar naquele país europeu, naquele “Portugal pós-colonial, encontra-se um hibridismo cultural, quase nada identitário, uma completa

desidentificação destes participantes quer com uma verdadeira cultura portuguesa, quer com uma cultura moçambicana” (KHAN, 2004, p.21). Portanto, não se identificando com os valores moçambicanos ou com os problemas do país e, também, não se identificando com Portugal (que representava para estes imigrantes além da imagem civilizacional, o atraso cultural, o preconceito racial e a ignorância) estes imigrantes, conclui a autora, viviam “uma dupla desidentificação, que os devolve a um silêncio vivencial, a uma invisibilidade social” (KHAN, 2004, p. 21).

Em relação a presença de estudantes africanos em território brasileiro, autores como Subuhana (2005), Mungói (2006), Ellery Mourão (2006), Hirsch (2009) e Fonseca (2009) se propuseram a refletir de que maneira são (re)construídos os processos identitários desses jovens que, através de convênios, se estabelecem em diferentes cidades do Brasil. Analisando-os como um todo, ou em suas específicas nacionalidades (caso de cabo-verdianos, angolanos, guinenses e mesmo moçambicanos) estes autores dão enfoque especial às práticas cotidianas e ao jogo das relações sociais destes estudantes, bem como qual o papel que conceitos como nação, raça e etnia representam para a construção de seu discurso identitário.

Mungói (2006) fez um estudo antropológico sobre as experiências de estudantes provenientes de vários países africanos (oriundos majoritariamente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – os PALOP) matriculados em diferentes instituições de ensino superior localizadas na cidade e na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Para a pesquisadora o idioma étnico “ser africano” torna-se uma referência que os estudantes aprendem a utilizar para se perceberem, se auto-identificarem e se afirmarem como africanos no Brasil.

A partir do momento que se inserem na sociedade brasileira os estudantes passam a ser tratados de forma reducionista e homogênea como “os africanos”, sendo ignoradas ou desconhecidas pela maioria dos brasileiros as particularidades nacionais, culturais, linguísticas, étnicas, religiosas e outras mais especificidades de cada um deles. Desse modo, a autora constata que a presença desses estudantes pode ser vista a partir de uma tríplice identidade: a identidade nacional, a identidade continental e a identidade racial. É partindo das categorias de ser estrangeiro, africano e negro que os universitários em Porto Alegre se posicionam em diferentes esferas da sociedade e reconstróem suas práticas, discursos e vivências.

O trabalho de Fonseca (2009) se ateve no que denominou de “tripla perspectiva” dos estudantes angolanos no Brasil, isto é: sua vinda, permanência e o posterior retorno à Angola. O autor buscou entender o imaginário destes sujeitos, por meio do diálogo entre o contexto acadêmico e o percurso estudantil do angolano em universidades paulistas e paranaenses - que vieram pelo convênio entre o Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) vinculado aos Ministérios das Relações Exteriores (MRE) e da Educação (ME), bem como pela Fundação para o Vestibular da Unesp (VUNESP) e a instituição angolana Fundação Eduardo do Santos (Fesa) - juntamente com as novas práticas culturais apreendidas por estes estudantes no contato com seu ambiente de estudo, de festas e lazer.

Segundo o autor, ainda que as instituições acadêmicas e a sociedade brasileira em geral ignorassem a realidade social atual vivida por esses jovens em seu país de origem, fazendo com que estes se deparassem “com os conflitos do estigma do migrante temporário e o estereótipo do refugiado de guerra” (FONSECA, 2009, p. 24) aqui no Brasil, no final é nesse contexto dinâmico que identidades e representações diversas são construídas, sentimentos étnicos e regionais são diluídos em favor de uma concepção una de nação.

Também tendo como sujeitos de reflexão quadros profissionais formados no Brasil, pelos programas PEC-G e PEC-PG (Programa Estudante Convênio de Pós-Graduação), Ellery Mourão (2006) realizou uma discussão sobre diversidade étnica, identidade e nacionalidade de guineenses e cabo-verdianos. Em *África “na pasajen” identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas*, a autora mostra os processos de mudanças vividos pelos estudantes em sua situação de migração temporária em diversas universidades brasileiras (lembrando que uma das exigências destes programas é o retorno dos estudantes para seus respectivos países ao final de seus cursos) e de que modo isso ajuda a pensar a formação do Estado-nação em seus respectivos países.

Além da construção diferenciada das identidades de cabo-verdianos e guineenses, durante sua presença no Brasil, com seus momentos de aproximação e distanciamento, Ellery Mourão (2006) mostra, dentre outros aspectos, a relevância de convênios deste tipo como formadores de elites letradas (nos países africanos), bem como instrumentos de construção de alianças e relações de reciprocidade; não somente no cotidiano dos estudantes, como também no plano formal, isto é, na relação entre o Brasil e países da África de língua portuguesa.

Buscando, igualmente, compreender os processos de (re)construção identitária vividos por estudantes africanos no Brasil, Hirsch (2009), por sua vez, se ateve em um grupo de estudantes cabo-verdianos instalados no Rio de Janeiro. A pesquisa desta autora apontou de que modo o contato com a sociedade brasileira foi um fator favorável para a ressignificação das identidades negra e africana neste grupo.

Para a pesquisadora, a experiência destes estudantes ao se depararem com as questões raciais aqui no Brasil, não antes objeto de reflexão em seu imaginário, e até mesmo o *sentir na pele* a discriminação em relação a sua cor, levou a uma busca, por parte deles, de diferentes símbolos da cultura negra (como o vestuário tido como tradicional e o cabelo crespo solto, com tranças ou *dreadlocks*) que, expressos em seu corpo, remetiam a representações de africanidade. A atitude destes estudantes no Rio de Janeiro levou, pois, à construção de um olhar crítico destes sujeitos sobre o discurso historicamente construído sobre a identidade nacional cabo-verdiana de valorização da mestiçagem como uma possibilidade de afastamento de uma herança negra e estigmatizada e, assim, mais próxima do discurso da metrópole portuguesa e sua ideologia de embaquecimento da população nacional.

Por fim, Subuhana (2005) em sua tese de doutorado analisa a presença de moçambicanos em território brasileiro, especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa abordou quais foram os projetos de vida dos estudantes, como eles se classificavam racialmente e de que maneira lidavam com essa classificação na nova sociedade em que estavam inseridos. As redes sociais traçadas por esses sujeitos na cidade carioca também foram objeto de análise, sem esquecer das perspectivas de retorno desses jovens à sua terra natal, a fim de aplicar os conhecimentos adquiridos cá no Brasil.

Este estudo sobre os moçambicanos no Rio de Janeiro, assim como as outras pesquisas citadas, oferecem um terreno fértil para um estudo comparativo entre aqueles imigrantes e os estudantes moçambicanos em Belo Horizonte. Em seu conjunto, nas reflexões sobre as pesquisas expostas, foi possível notar aspectos em comum que apareceram nas análises de grupos de estudantes tão heterogêneos. Conceitos como nacionalidade, etnia e redes sociais se fizeram presentes e mostraram-se como fundamentais para se entender os processos de re-construção identitária destes jovens no Brasil. Durante a presente dissertação, poderá se perceber que estes conceitos também aparecem articulados ao cotidiano dos estudantes moçambicanos em Belo Horizonte.

1.1. Nação, Etnia e Redes Sociais.

Autores como Gellner (1981) e Anderson (1989) possibilitam compreender o conceito de nação e de nacionalismo. Gellner entende nacionalismo como um termo para designar o tipo de sentimento e sensibilidade de lealdade e identificação de uma cultura contínua compartilhada. Transcrevendo as palavras do autor:

“O nacionalismo é basicamente um movimento que concebe o natural objeto da lealdade humana como sendo uma unidade muito ampla, definida pela partilha da linguagem ou cultura. É “anônimo”, no sentido que seus membros não tem elos positivos entre si, e que as subdivisões, dentro da nação não tem importância comparável à das mais amplas unidades”. (GELLNER, 1981, p. 53)

Analisando este conceito de nacionalismo de Gellner, Anderson (1989) fornece uma definição mais completa, acrescentando que também é preciso compreender a nação como soberana e limitada, afinal possui fronteiras finitas, mesmo que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. Ora, como estando fora dessas “fronteiras finitas” e estabelecendo redes de relações aqui no Brasil, os estudantes moçambicanos em Belo Horizonte reformulam suas identidades nacionais? De que maneira costumes, valores e práticas cotidianas são partilhadas por estes estudantes a ponto de levar a um sentimento, ou não, de pertença a uma mesma nação?

A etnia ou etnicidade, como instrumento de análise, remete ao nível das relações sociais entre grupos minoritários em grupos ou sociedades dominantes, concordando com o pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira (1980). Nesse sentido, sendo a etnia uma representação social, é no interior da identidade étnica que se condensam os valores culturais mais expressivos do grupo minoritário. Desse modo Oliveira (1979) define, assim, etnicidade como um conceito que cobriria uma gama de fenômenos, relacionados a comportamentos e crenças, determinados ou condicionados pela situação de membros de povos (etnias ou nações) inseridas em sociedades anfitriãs. Oliveira (1980) ainda alerta que, ao estudar os fenômenos étnicos, não se pode deixar de analisar sua natureza ideológica e estrutural: ideologia porque em seu núcleo se condensam os valores culturais mais expressivos que orientam os indivíduos e os grupos em mapas cognitivos coletivamente construídos; e da estrutura social porque sendo a etnia uma representação social produz relações sociais peculiares.

Não sendo, portanto, uma concepção rígida - mas flexível e dinâmica - práticas culturais que demarcam a fronteira étnica entre os grupos podem mudar, e as

características culturais de seus membros podem igualmente se transformar. Portanto, “a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais” (BARTH, 1998, p.196). Destarte, é a seleção de alguns símbolos o que garante, diante das perdas culturais, a continuidade e a singularidade do grupo um processo recorrente na afirmação étnica.

Será possível perceber durante a dissertação que o estudo das redes sociais dos moçambicanos em Belo Horizonte é um importante instrumento analítico para entender de que maneira conceitos como etnia, nacionalidade e raça se entrelaçam no cotidiano destes estudantes, e como estes indivíduos criam seus laços de amizade e parentesco. Dessa maneira, recorreu-se as idéias de rede social propostas por Barnes (1987), Both (1979) e Fazito (2008).

Barnes ajuda a compreender melhor a noção de rede social, desenvolvida na antropologia social, ao explicar como, através dela, é possível analisar e descrever aqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. Para este autor “redes” são aquelas conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação de um indivíduo a um grupo ou mesmo aqueles laços que vinculam pessoas de grupos diferentes. Portanto, analisar a ação em termos de “rede” revela entre outras coisas, segundo Barnes, os limites e a estrutura interna dos grupos.

Outro autor que apresentou um estudo sobre rede social foi Fazito (2008) que vivenciou um processo de deslocamento espacial de uma comunidade indígena (Tukano), no qual as relações de amizade, parentesco e trabalho constituíam os laços que compunham essa rede. Ele também analisou as redes sociais de emigrantes brasileiros para os Estados Unidos, percebendo que as relações pessoais, familiares e religiosas funcionavam como mecanismos poderosos de sustentação e consolidação dos fluxos migratórios. Em seus estudos, Fazito se refere a rede social como “a estrutura social composta pelas relações sociais cotidianas entre as diversas pessoas, sejam migrantes ou não-migrantes, de uma dada comunidade” (FAZITO, 2008, p.308).

Por sua vez, Elizabeth Both (1979) articula o conceito de “rede” ao estudo sobre famílias urbanas de Londres. A autora focou-se em perceber as redes de relações entre as famílias e observou que estas mantinham laços com as instituições de trabalho e de serviço, escolas, igrejas, médicos, clínicas, associações voluntárias bem como estabeleciam relações mais informais com pessoas externas ao seu círculo familiar,

exemplo de colegas, vizinhos e parentes. Dessa maneira, Both notou que as instituições e as pessoas externas as famílias acabavam interferindo em alguns aspectos de sua vida social, sendo que para se entender o meio social onde essas famílias estavam inseridas deveria-se, portanto, investigar todas suas redes de relações e não somente o local onde a família estava.

Estes trabalhos sobre rede social mostram que laços sociais são criados, voluntária ou involuntariamente, e existem além do interior de um determinado grupo. São estas redes de amizade, parentesco, trabalho, de vínculo religioso e outras mais, que ao interferir nos aspectos sociais de determinados grupos são interessantes analisar para que se possa entender de que maneira as relações cotidianas se operam entre as diferentes pessoas e como se estrutura um determinado grupo, caso dos estudantes moçambicanos em Belo Horizonte.

2. METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO

Lendo obras clássicas de autores como Malinowski (1978), Geertz (1978) ou Evans-Pritchard (2002) percebe-se que a etnografia e o trabalho de campo são características da produção antropológica e, frequentemente, geram debates sobre problemas e vantagens de serem usados.

Conceituados autores da antropologia urbana feita no Brasil como Magnani (2000), Peirano (1995), Durham (1986), Cardoso (1986) e Zaluar (1986) são alguns exemplos que me levaram a pensar sobre os desafios da experiência etnográfica e em como esta se mostrava imprescindível como método de pesquisa para a elaboração desta dissertação.

Defendendo a experiência etnográfica, Peirano (1995), em seu artigo *A favor da etnografia*, mostra que para se obter um bom estudo antropológico é preciso confluir na pesquisa, entre outras coisas, a biografia e opções teóricas do pesquisador em determinado momento, com as imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. É na etnografia que se pode perceber um leque de possibilidades de análises, pois “as informações não são oferecidas apenas para esclarecer ou manter um determinado ponto de vista teórico, mas haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa” (PEIRANO, 1995, p.56)

Por sua vez, Magnani (2000) com base em observações das discussões dos trabalhos de campo de antropólogos clássicos como Geertz, Merleau-Pouty e Levi-Strauss, bem como de suas próprias pesquisas e as de seus alunos, no texto *Antropologia urbana e os desafios da metrópole* (2003) mostra que o método etnográfico ao transitar entre a teoria dos nativos (suas explicações, práticas e modo de ver o mundo) e o arcabouço teórico que o pesquisador já leva consigo, elabora um modelo explicativo mais abrangente para a compreensão do fenômeno urbano, das formas de sociabilidade e da dinâmica cultural nas metrópoles. Afinal, como bem observa o autor, a experiência etnográfica:

“[...] é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as

deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2003, p. 84)

É preciso não esquecer que a pesquisa não deve se restringir somente quando o antropólogo dialoga com o sujeito pesquisado, explica Zaluar (1986), mas quando apreende a interação entre os próprios “nativos”, isto é, quando um “nativo” dialoga com o outro. “É esta fala na ação que lhe permite captar o rotineiro, o decisivo e o conflitivo, o que tem forma e o que não tem, o oficial e o espontâneo, o público e o privado” (ZALUAR, 1986, p. 122). Dessa maneira, ficando claro que o trabalho de campo etnográfico, bem como a observação participante, eram primordiais para compreender o universo e o ponto de vista dos sujeitos pesquisados, mudei-me para Belo Horizonte e durante seis meses convivi diariamente com estes estudantes.

2.1. O contato com os estudantes

Cheguei à capital mineira por volta das 20:30h de uma sexta-feira. Era 8 de Maio de 2009. Rodoviária movimentada, procurei no meio da multidão o rosto da pessoa que ia me buscar. Lá estava ela, Miriam⁶: moçambicana, 25 anos de idade, há quatro (4) anos morando e estudando na capital mineira. Não nos viamos há um ano e a primeira coisa que reparei era que tinha engordado um pouco, além de ter cortado e pintado o cabelo. Conhecemo-nos no aeroporto de Guarulhos num desses Dezembros em que a maioria dos estudantes volta à Moçambique para passar as festas e férias do fim do ano com a família. Tempo depois reencontramo-nos numa festa africana no Rio de Janeiro. Ficamos mais próximas e começamos a manter contato pela internet.

É através da internet que a maioria dos estudantes entra em contacto com outros moçambicanos aqui no Brasil (e também em Moçambique), eventos são anunciados, dúvidas referentes a embaixada e a Polícia Federal são tiradas, bem como são debatidos os mais variados temas referentes a política, economia e entretenimento em geral. Há, inclusive, um site oficial dos estudantes moçambicanos no Brasil – os Mozucas – no

⁶ Todos os nomes que aparecem são fictícios.

qual segundo o moderador, um estudante no Rio de Janeiro, “e-mails são trocados a fim de se obter uma integração desses estudantes na diáspora”.

Numa dessas trocas de e-mails e “conversas de msn” contei a Miriam que iria à Belo Horizonte fazer pesquisa de campo para minha dissertação de mestrado sobre os estudantes moçambicanos que ali se encontravam. Sem parecer perceber muito bem à parte do “eu ir fazer pesquisa de campo” (respondendo-me com um *hummm...*), ela ficou animada em saber que iríamos nos rever e, de prontidão, convidou-me a ficar em sua casa. Aceitei sem pestanejar, e ali estava eu.

Fui ter com ela que, sorridente, cumprimentou-me com um longo abraço. Enquanto ajudava-me com uma das mochilas que eu trazia, Miriam gritava para que um táxi que por nós passava parasse. Já dentro do táxi, perguntei-a se morava longe dali da rodoviária. “*Não, 12 - 15 min*”. Era ali no Centro mesmo. No caminho até a casa, ela estava curiosa em saber que milagre era aquele de eu ir parar em BH, o que eu faria exatamente lá perguntava ela. Depois de tentar explicar, resumidamente, qual era o meu propósito lá, Miriam soltou uma gargalhada enquanto insistia nas perguntas:

Miriam: *Vens nos estudar?*

Eu: *Sim.*

Miriam: *Vais nos fazer entrevistas?*

Eu: *Terei que fazer algumas perguntas, mas não serão entrevistas.*

Miriam: *Oh, eu respondo tudo que me perguntares, mas não é pra colocar meu nome ahn?!*

Sorri para ela, enquanto da janela do táxi eu ia observando aquela cidade de luzes amarelas, onde o ensurdecido barulho das buzinas dos carros e ônibus se misturava com os gritos das pessoas nas ruas. Eram muitas pessoas: indo, vindo, correndo, paradas nos bares, nos pontos de ônibus; uma agitação só.

Perguntei à Miriam como ia a faculdade dela (estava no último semestre do curso de veterinária). Com uma expressão de desânimo, respondeu-me que ia bem e que estava, finalmente terminando. Disse-me que estava cansada de estar ali e que não via o momento de ir-se embora porque estava com saudades da terra dela. Já falta pouco, tentei animá-la. Sim, graças à Deus! Retorquiu mais animada.

Enquanto conversávamos, o taxista (um jovem, que não aparentava passar dos 30 anos) olhando-nos pelo retrovisor perguntou-nos de onde éramos. Com aquele sotaque diferente, não podíamos ser ali de Minas, afirmou. Não, não somos daqui. Somos de Moçambique. Moçambique? Perguntou ele curioso e com a expressão de que não sabia exatamente onde ficava esse lugar. Sim, na África. Respondeu Miriam. Vocês são da África?! Que legal. Nossa, e vocês aprenderam a falar rápido o português? Com um ar de impaciência, Miriam respondeu secamente. Não precisamos aprender. É que lá nós falamos português também. Pode parar aqui. Chegamos.

Esse diálogo com o taxista lembrou-me outros episódios que eu já tinha vivido, inúmeras vezes, durante a minha permanência aqui no Brasil. Uns não faziam idéia de onde ficava Moçambique, achando que era uma cidade que ficava num Estado brasileiro. Outros, achavam que o país, sabe se lá por quê, ficava perto de Portugal. Ainda existiam algumas pessoas mais próximas, de nacionalidade brasileira, que mesmo me conhecendo a um certo tempo e depois de eu ter dito inúmeras vezes que era natural de Moçambique, ao me apresentarem para um outro brasileiro soltarem frases como: “ah, ela é de Angola”. E lá tinha eu que corrigir “Não é Angola, é Moçambique”. Bom, e existiam aqueles que ignoravam totalmente que Moçambique pudesse ser um país, colocando-o como África e a minha nacionalidade como “Ela é africana”. Admito que se no início essas situações me chocavam e me deixavam irritada, depois passaram a ser cômicas até chegar ao ponto de serem tão corriqueiras e cansativas, que simplesmente passei a ignorar, concordando com o que era dito e acenando positivamente a cabeça. Foi o que tentei fazer naquele caso do taxista, mas pareceu que Miriam ainda estava na fase da irritação.

Tínhamos chegado ao nosso destino. Paramos em frente a um edifício alto, com cerca de vinte andares. No hall de entrada, Miriam cumprimentou o porteiro que balbucinou umas palavras imperceptíveis. Já dentro do elevador, ela disse que o edifício tinha quatro porteiros que se revezavam, e que aquele era o mais chato e mal-humorado, para ir me acostumando. *Mas os outros são gente fina.* Acrescentou.

Ao chegarmos ao apartamento, Miriam foi logo avisando: “o apartamento é pequeno, mas é...como se diz mesmo...igual coração de mãe, sempre cabe mais um, hehehe”. Tudo bem Miriam. Entrei e me deparei com uma sala relativamente grande com um sofá de 2 lugares, uma mesa de jantar com seis cadeiras, uma mesinha com um aparelho de televisão em cima, alguns livros e porta-retratos dos familiares espalhados.

No quarto havia duas camas, um guarda-roupas e cômodas. O apartamento ainda tinha um banheiro e uma cozinha pequenos.

Além dela ainda moravam no apartamento mais duas moças, igualmente moçambicanas: Kátia, também cursando o último ano do curso de veterinária, e Milú (prima da Miriam) que fazia Agronomia. Naquele momento Kátia e Milú estavam na casa de um outro moçambicano, que morava a poucos metros dali, e que acabara de ser pai, explicou-me Miriam: “A maioria dos *mozs* tá lá, aproveitas conhecê-los. Tão a bebemorar o nascimento da Lara, filhinha do Hélio, que já está em casa”.

Depois de me instalar e de Miriam fazer questão que eu comesse a feijoada que ela tinha preparado (*afinal tú debes estar a morrer de fome, vou servir para ti*, disse me) fomos a casa do Hélio, o mais recente papai da turma. Ele e a mulher Lila, também moçambicana, moravam há 5 minutos da casa onde me alojei. Ali mesmo no centro. Chegando lá, me deparo com cerca de dez (10) pessoas numa kitnet, bebendo, falando e rindo alto. Miriam fez as apresentações: excetuando-se dois brasileiros, eram todos moçambicanos que estavam no seu último ano de graduação. Parabenizei o papai. Hélio, 27 anos, último ano de administração, olho a brilhar, sorriso rasgado e a alegria estampada na cara. “Minha filha nasceu, melhor dia para você chegar aqui impossível. Fica à vontade, cerveja tá na geladeira, vamos festejar”. Conheci a mamãe Lila, 24 anos, também estudante de administração na mesma faculdade que o marido. Cara de cansada mas ainda assim feliz por carregar nos braços a pequena Lara, que não sei como, conseguia dormir no meio daquela barulheira toda.

Os oito moçambicanos estudavam na mesma faculdade, a FEAD (Faculdade de estudos administrativos), e chegaram em 2005 pelo convênio do Ministério da Agricultura de Moçambique com a faculdade brasileira. Cursavam veterinária, administração e/ou agronomia. Quatro deles moravam ali no mesmo edifício, no apartamento ao lado. Quanto aos brasileiros, um era um grande conhecido e amigo de todos os estudantes, Júlio - que durante a etnografia se fará presente em grande parte dos convívios organizados pelos moçambicanos. A outra brasileira que lá estava era a namorada de um dos estudantes.

O interfone tocou. Era da portaria reclamando do barulho. Olhei para o relógio, eram 23:00h. Todos decidiram que já era hora de ir embora mesmo, se despediram e se dispersaram. Fiquei apenas com as meninas com quem iria morar. Enquanto voltávamos

para casa, encontramos-nos com mais dois moçambicanos embaixo do prédio, Nino e Cláudio, e decidimos ir a um barzinho ali nas redondezas jogar conversa fora.

No bar, as conversas giravam em torno dos trabalhos da faculdade e sobre Moçambique: as saudades da comida, das praias, lembranças do colégio (Nino e Cláudio estudavam juntos antes de virem para o Brasil), as músicas, as danças, o modo do moçambicano pensar. Também me faziam perguntas sobre onde estudava, o que estudava e o que iria estudar lá em BH.

No começo, se por um lado o fato de eles conhecerem mais uma estudante moçambicana no Brasil deixava-os alegre, por outro ao saberem que eram o alvo da minha pesquisa ou achavam graça – soltando frases como “*Xiii, pesquisa sobre nós? Não vai dar certo*”; “*Desde que sua tese não vá para Moçambique, tudo bem; senão minha mãe vai pensar que a gente só bebe aqui*”- ou ficavam acanhados com a minha presença perguntando-me sempre se eu estava gravando as conversas ou sendo reticentes ao debater algum assunto.

Assim, durante as primeiras semanas convivendo com estes moçambicanos, a minha marca de antropóloga pesquisando estudantes moçambicanos em BH, de início se mostrou como um entrave e condição para não ser considerada como parte do grupo.

Alba Zaluar (1986), ao refletir sobre alguns problemas que perpassam a teoria e a prática do trabalho de campo lembra que, ainda que os pesquisadores convivam diariamente com seus “nativos”, participando da sua vida social e coletiva, tendo maior acesso aos seus comportamentos, códigos e valores, ele continua sendo um estranho. Possuindo os “nativos”, mecanismos para excluir o pesquisador das conversas, sinalizando portanto, que aquele não é o seu mundo:

“Mesmo próximo ou íntimo, ele [o antropólogo] é um interlocutor que não faz parte do grupo e, no limite, continua a ser identificado com o mundo dos poderosos, dos cultos, dos ricos, dos brancos, etc., mesmo que de forma sutil e matizada pela amizade construída no relacionamento diário”(ZALUAR, 1986, pp 123)

Eu não fazia parte do mundo deles. Além de não ter vindo por meio dos convênios e de estar cá no Brasil há mais tempo, eu ainda era *a moçambicana que está nos pesquisando*, diziam eles. Dessa maneira, para superar esta minha inicial imagem e marca de *a pesquisadora*, a deles de *os pesquisados* e tentar deixá-los mais a vontade comigo, passei a usar certos códigos de conduta que me fizessem parecer ser o mais semelhante possível com eles.

O falar mais moçambicanizado (com suas gírias ou mesmo com algumas palavras de uma língua local), escutar mais as músicas vistas por eles como mais nacionais ou africanas, algo que não ocorria quando morava sozinha em São Carlos, foram um dos aspectos que, voluntária ou involuntariamente, fizeram me aproximar mais dos estudantes. E não só. Preparar a comida de uma maneira que eles consideravam mais moçambicana, isto é mais temperada e/ou picante, fazer parte de suas redes de amizade e de sociabilidade, do cotidiano de circular entre suas casas, estando hoje em casa de um e amanhã em casa de outro, ou mesmo entrando no circuito de empréstimos de bens materiais/monetários, criou uma relação recíproca de proximidade, intimidade e confiança e fez-me ser percebida como mais uma outra estudante moçambicana entre eles, deixando por vezes de lado, os olhares que os estudantes tinham de mim como alguém monitorando os seus passos.

Tirar a marca de pesquisadora era impossível, mas também passei a ser vista como mais uma “irmã” na qual eles podiam dialogar bastante, em qualquer situação e momento social e no qual eles podiam contar e pedir ajuda sempre que necessário. Desse modo, o não reafirmar a condição de pesquisadora rendia para o meu campo.

Durante os dias seguintes, pude então, gradativamente e sempre por meio de intermediários, isto é de um moçambicano, circular pelas casas desses estudantes (circuito de bens e pessoas onde, normalmente, são organizadas reuniões, festas, churrascos e almoços), pelos bares que eles freqüentavam, pelas suas faculdades (UNA, FEAD, PUC-MINAS e UFMG) e outros centros de convívio por eles tecidos.

Tendo como cenário a sociabilidade e a amizade, fui aos poucos interagindo com os estudantes e tive, portanto, intenso convívio com os imigrantes mais antigos (que chegaram há quatro ou cinco anos) bem como com os recém-chegados, já que circulavam todos pelas mesmas redes. Alguns já os conhecia de Maputo; outros fui conhecendo ao longo da pesquisa. Essa vivência foi fundamental para apreender o cotidiano desses estudantes, circular entre suas redes de sociabilidade, tomar contato com suas histórias e relatos de vida, apreender seus anseios, frustrações e dificuldades, bem como presenciar suas alegrias e a sensação de dever cumprido na defesa de seus trabalhos de conclusão de curso e na colação de grau. Também proporcionou me pensar como uma pesquisadora se pesquisando ao mesmo tempo em que me tornava uma estranha, no que ao início, parecia o meu “ninho”.

Durante os seis meses de trabalho de campo fiquei, portanto, alojada no apartamento das três meninas moçambicanas, dormindo em um colchão confortável na sala. Assim como elas, todos os estudantes que moravam no centro eram alunos da FEAD ou da UNA, instituições que ficavam perto de suas residências. Especialmente próximos uns dos outros e, geralmente, pequenos (com um quarto, uma sala, cozinha e banheiro), em cada apartamento residiam três ou quatro estudantes.

Enquanto os estudantes da FEAD e da UNA residiam todos no centro da cidade, os alunos da PUC/MINAS, cerca de quinze, moravam no bairro Coração Eucarístico, próximo à universidade, que fica a 25 minutos do centro indo de ônibus. Neste bairro, os estudantes também formam repúblicas, entre eles, e estas ficam próximas umas das outras. Apesar de continuarem a morar três/quatro pessoas, os apartamentos aqui já eram maiores comparados aos do centro da cidade, com dois ou três quartos, sala, cozinha e banheiro com tamanho considerável.

Constatei então que os estudantes estabelecidos em Belo Horizonte, podem ser divididos em quatro grupos:

(i) os que vieram pelo PEC-G (Programa Estudante Convênio), através da Embaixada do Brasil em Moçambique;

(ii) os que vieram pelo convênio Ministério da Agricultura – Fead (Faculdade de Estudos Administrativos);

(iii) os que vieram pelo convênio UP (ex-Instituto Politécnico Universitário, atual Universidade Politécnica) – Puc-Minas (Pontifícia Universidade Católica); e

(iv) os que vieram por conta própria.

2.2. Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G)

O Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), pioneiro nesse intercâmbio estudantil, e celebrado em 01 de Junho de 1989, tem o objetivo de formar recursos humanos a fim de possibilitar aos cidadãos de países em desenvolvimento, com os quais o Brasil mantém acordos educacionais ou culturais, a realizarem estudos universitários de graduação nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras participantes do programa. O PEC-G é divulgado por meio do *Centro Cultural Brasil-*

Moçambique (CCBM, antigo Centro de Estudos Brasileiros) em Maputo, que foi inaugurado no dia 27 de Novembro de 1989, pelo então Ministro da Cultura brasileiro, José Aparecido de Oliveira. O CCBM é famoso por, além de divulgar este tipo de intercâmbio, promover o que eles publicitam de “cultura” brasileira, dando aulas de capoeira e disponibilizando uma biblioteca com vasta gama de literatura brasileira. Além disso, este centro possui atividades ligadas ao ensino da língua portuguesa, bem como é palco de lançamento de livros, seminários e diversos tipos de reuniões.

Administrado pelo Ministério das Relações Exteriores, por meio da Divisão de Cooperação Educacional do Departamento de Cooperação Científica Técnica e Tecnológica (DCE/DCT/MRE), e pelo Ministério da Educação, através da Divisão de Assuntos Internacionais da Secretaria de Educação Superior (DAI/Sesu/Mec), assim como pelo CCBM, a participação do PEC-G está aberta a cidadãos não-brasileiros entre 18 e 25 anos de idade, com ensino médio completo. Está estabelecido que não pode ser “estudante-convênio” o estrangeiro portador de visto turístico, diplomático ou permanente; o indivíduo com dupla nacionalidade, sendo uma delas brasileira, e o estudante que ingressa em instituição de Ensino Superior mediante aprovação em processo seletivo. Tal programa ainda define o compromisso do aluno regressar ao seu país no final do curso.

Segundo Kaly (2001), o primeiro grupo de estudantes africanos chegou ao Brasil na década de 1960 e era constituído por 16 pessoas do Senegal, Gana, Camarões e Cabo Verde, mediante bolsas pagas aqui. No ano de 2007, o PEC-G selecionou, em todo o país, 698 alunos de 17 países das Américas Central e do Sul e nove países africanos, entre eles Moçambique. Dados da Divisão de Assuntos Internacionais da Secretaria de Educação Superior mostram que de 1997 a 2007 ingressaram em instituições de ensino brasileiras 172 estudantes moçambicanos, distribuídos em universidades públicas e privadas, e que, no total, 287 já foram beneficiados pelo PEC-G. Os estudantes moçambicanos em Belo Horizonte, que vieram por meio deste convênio no ano de 2004, freqüentavam a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e eram alunos do curso de jornalismo.

2.3. Programa Convênio Ministério da Agricultura-FEAD

Mas grande parte dos estudantes moçambicanos em Belo Horizonte veio através do convênio do Ministério da Agricultura e a instituição superior de Estudos Administrativos - FEAD. Um protocolo de cooperação assinado pelo então Ministro da Agricultura moçambicano, Hélder Mutéia, e o Diretor da Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais, José Ribeiro Franco Tavares Paes, entrou em vigor em Junho de 2004, levando trinta (30) estudantes, divididos em dois grupos de 15, à capital mineira. Além de vagas para estudantes moçambicanos nos cursos de zootecnia, agronomia, veterinária e administração, foi firmada uma parceria econômica no campo da agricultura e pecuária.

Segundo os estudantes, o convênio era divulgado por meio de um edital que circulava nos jornais de Maputo. Era necessário apresentar uma série de documentos como histórico escolar, termo de responsabilidade e de manutenção aqui no Brasil, assinado pelos pais ou responsáveis, e cópia do passaporte. Mas, ainda segundo os próprios estudantes, que não gostam muito de tocar nesse assunto, foram poucos os que conseguiram a vaga na instituição brasileira por essa via legal. Em sua maioria, esses jovens tinham alguma relação familiar ou pessoal com o Ministro ou com alguém do alto escalão do Ministério da Agricultura.

Por conviver diariamente com moçambicanas que tinham vindo através deste convênio, foi possível numa tarde, enquanto ajudava Milú na cozinha, conversar sobre como tinham conseguido a vaga aqui na instituição brasileira. É o que se segue no diálogo:

Eu: Então, como soubeste dessas bolsas que o Ministério da Agricultura estava oferecendo?

Milú: Como soube? Humm...Minha mãe é que chegou em casa um dia, dizendo que eu ia estudar no Brasil, que tinha conseguido uma vaga numa faculdade brasileira pra mim e que eu vinha pro Brasil. E eu, mas como assim né?! Aí ela me disse que a minha tia tinha ligado para ela, que o ministério [da agricultura] estava com esse convênio e que era para eu meter os papéis lá...

Eu: Mas, como sua mãe, quer dizer, sua tia soube? Esses editais saíram no jornal? Como foi a divulgação...

Milú: No meu caso eu soube porque alguém do ministério era o padraço da Miriam...Miriam é minha prima.

Eu: Aié?...

Milú: Não sabias? Miriam é minha prima. A mãe dela é irmã da minha mãe. E o padraço dela era alguém ligado ao Ministério. Aí, a Miriam já vinha para cá. Eu estudava lá

na faculdade particular, de noite, e era cara...tava difícil para mim...ai minha tia ligou para minha mãe pra saber se eu não queria vir aqui para o Brasil também. Pra ficar atenta as datas, quando estivesse perto para metermos os papéis para tratar do visto. Quando o visto saiu viemos: eu, minha prima, veio um grupo de quinze (15) estudantes. Isso foi em Junho (...) Mas, também saiu no jornal. A Kátia soube pelo jornal. Mas a maioria de nós soube porque a informação foi passando de boca em boca lá dentro do ministério(...). Podes reparar que aqui ou são primos, conhecidos, familiares de pessoas no Ministério. Todos viemos com “cunha”, se não são todos, a maioria. Imagina, eu fazia letras, nunca poderia vir fazer agronomia, não tem nada a ver. E, por isso, sofri muito. Eu e minha prima sofremos muito com biologia, química, essas matérias. Os primeiros meses, o primeiro ano foi muito difícil.

No sistema educacional moçambicano, depois da 8^a classe o estudante ingressa, sucessivamente, na 9^a, 10^a, 11^a e 12^a classes. Na 11^a é obrigado a escolher entre Letras e Ciências. E no campo das Ciências ainda tem de optar entre “Ciências com biologia” ou “Ciências com desenho”. Se opta pelas Letras, como no caso em que pretende seguir Humanidades, passa a fazer apenas disciplinas dessa área, como história, português, geografia e matemática; se optar por “Ciências com biologia” – que é o caso de quem quer, obviamente, fazer cursos ligados à área das Biomédicas ou Biológicas -, as disciplinas principais são química, física, português, matemática e biologia. Se a escolha recaí sobre “Ciências com desenho” – para quem pretende fazer engenharias, arquitetura ou outros cursos ligados à área das exatas -, o estudante faz química, física, português, matemática e desenho. Portanto, segundo o relato de Milú, se ela fez Letras estaria apta a fazer cursos da área das Humanidades, e nunca um curso ligado à área das Biológicas, como agronomia. Daí a sua dificuldade, e de outros estudantes moçambicanos, na hora de lidar com química, por exemplo, exigido na área das Biológicas.

Em uma outra conversa que tive com outro estudante, foi confirmado que o tipo de convênio entre o Ministério da Agricultura e a FEAD, aparentemente aberto a qualquer estudante que tenha terminado o Ensino Médio em Moçambique, e estivesse interessado em estudar no Brasil, funcionou além dos trâmites legais e oficiais: relações familiares e interesses particulares prevaleceram acima de tudo.

Ao ser perguntado como ele ficou sabendo desse convênio e como se deu o processo para sua vinda ao Brasil, Nino, estudante do 4^o ano de administração, respondeu-me:

Nino: Minha mãe conhecia alguém lá no ministério. Ela ficou sabendo, achamos que seria uma boa oportunidade de estudos e eu vim. Mas dizem que saiu no jornal também. (...) Ah, você sabe como é em Moçambique, se és conhecido, amigo

ou parente do Ministro, ou de alguém que trabalha lá... tu sabes como é. Tens que ter “cunha” (conhecidos, o “jeitinho” moçambicano) e tudo está encaminhado.

Gusmão (2008) em seu artigo sobre estudantes africanos no mundo acadêmico brasileiro, especificamente na universidade de Campinas, a Unicamp, explica que para esses estudantes:

“Migrar temporariamente para buscar qualificação no exterior e cumprir uma trajetória envolve todo o grupo familiar e, por vezes, outros sujeitos implicando em muitas responsabilidades nesse percurso. A migração temporária com a finalidade de estudo pode ser tudo, menos individual. Os percursos individuais e as biografias revelam a existência de estratégias familiares na busca de realização de um processo de mobilidade que envolve a condição de elite já dada ou em construção para os sujeitos e também para a família como um todo”.(GUSMÃO, 2008, p.8)

Assim se explica, pois, que familiares de estudantes, através das suas influências no alto escalão do governo, se apoderem de estratégias para conseguir que seus filhos estudem fora. Ou seja, é mínimo o número de estudantes que cumpriu todas as etapas legais para conseguir uma vaga na instituição brasileira FEAD.

2.4. Programa Convênio Universidade Politécnica - UNA/ PUC-Minas

Além do convênio Ministério da Agricultura/FEAD, parte dos moçambicanos em BH veio pelo convênio entre a Universidade Politécnica e a PUC-MINAS e, também, entre aquela instituição universitária moçambicana e o Centro Universitário UNA.

A Universidade Politécnica é uma instituição universitária particular que iniciou as suas atividades em 1994, tendo *campi* em Maputo e em Quelimane (cidade no centro-norte do país, capital da província da Zambézia), com uma gama de cursos nas três áreas de conhecimento. Se, por um lado, ela oferece um maior número de vagas em relação às universidades públicas, por outro, as suas mensalidades são muito altas, variando de US\$200 a US\$250, dependendo do curso.

O convênio acadêmico entre estas faculdades prevê o intercâmbio de três alunos de graduação por ano, com isenção de taxas de mensalidade em um dos cursos de formação. O aluno solicita à instituição de origem, no caso, à Universidade Politécnica, um formulário de inscrição para submetê-lo à Assessoria de Relações Internacionais da PUC-MINAS. Anexam-se junto a esse formulário os mesmos documentos exigidos pelo Ministério da Agricultura, citados acima, além de uma carta de intenções, justificando a razão de querer estudar numa instituição brasileira, e a descrição das disciplinas que o estudante pretende cursar.

Em caso de aprovação do intercâmbio, a Assessoria de Relações Internacionais emite a Carta de Aceitação e envia para a instituição estrangeira e/ou para o aluno, para que o estudante possa então providenciar o seu visto no Consulado ou Embaixada Brasileira em seu país de origem. Concluído o período do intercâmbio, a Assessoria de Relações Internacionais envia o histórico escolar do aluno para a instituição parceira. Durante o período desta pesquisa (2009-2010) vieram ao Brasil, através deste convênio, estudantes do curso de engenharia, arquitetura, relações públicas e enfermagem.

A obrigatoriedade de se ter uma renda mínima, o compromisso de manutenção no valor mínimo de 500 dólares, para que o visto de estudante seja aprovado, já é de partida, um fator de seleção destes convênios. Só as famílias com algum poder econômico podem enviar seus filhos para estudar no Brasil sendo poucos os estudantes de família de baixa renda, desta maneira os jovens sem poder aquisitivo ficam de fora não só deste processo, como também do ingresso em universidades moçambicanas, visto que estas últimas ou são igualmente caras (as particulares) ou tem poucas vagas (as públicas).

2.5. Estudantes por conta própria

Em menor quantidade, ainda estudam em BH moçambicanos que vieram por conta própria e que fazem estudos de pós-graduação. Isto é, sem vínculo com nenhuma universidade moçambicana ou qualquer convênio, pagam regularmente suas mensalidades no instituto particular brasileiro que frequentam. O custo de vida mais barato, o reconhecimento notório do diploma brasileiro em Moçambique e a vontade de, além de melhorar de vida, estar em outro país e conhecer outra cultura, foram as razões

que estes estudantes apontaram para estarem cá. Neste grupo os estudantes são recém-chegados, comparados com os que vieram pelo convênio, estando em território brasileiro a cerca de dois anos no máximo.

Assim, percebeu-se que a maioria dos estudantes moçambicanos em Belo Horizonte estudam em instituições particulares e, formando repúblicas com os seus conterrâneos, moram próximos as suas faculdades. Suas trajetórias revelam o grande envolvimento de seus familiares que recorrem a estratégias e influências no governo moçambicano para que seus filhos estudem fora.

As redes de amizade e de sociabilidade se mostraram como primordiais para a minha inserção no campo e para a minha circulação nas casas dos moçambicanos. Estes estudantes já chegavam com representações do Brasil que foram se desconstruindo ao longo de sua permanência a partir do momento que eram consolidados, cotidianamente, estereótipos e processos de exotização. É o que será discorrido no próximo capítulo.

3. REPRESENTAÇÕES E PROCESSOS DE EXOTIZAÇÃO

Festas, churrascos, almoços ou jantares, com o intuito de se estar junto, matar saudades da “terra”, conhecerem os estudantes recém-chegados, bem como, criarem laços que os deixassem mais ligados, eram comuns entre estes estudantes. Excetuando-se as festas, os outros momentos de confraternização não chegavam a ser eventos muito elaborados. Normalmente dois ou três dias antes do convívio, decidia-se o dia, o horário e o local que haveria o churrasco e por telefone iam avisando uns aos outros. Ou então, durante o próprio churrasco já se combinava quando seria o seguinte. Os churrascos, que contavam com a presença de grande parte dos estudantes, e também de alguns brasileiros, geralmente aconteciam em casa do moçambicano Cláudio por possuir um espaço grande. Os almoços ou jantares, que aconteciam nos apartamentos dos estudantes, eram mais restritos e reuniam aqueles moçambicanos mais próximos que tinham relações de amizade mais fortes.

Uma semana após eu chegar a Belo Horizonte fui ao primeiro churrasco. Por meio de um telefonema de Nino, eu e as meninas lá de casa fomos avisadas que a partir das 16h *o pessoal* estaria em casa do Cláudio *queimando uma carne*. Houve uma concentração de alguns estudantes (cerca de oito) que moravam ali mesmo no centro, embaixo do edifício de um dos moçambicanos, para que juntos seguissemos para o lugar que aconteceria o churrasco. Durante o caminho, o que prevalecia entre os estudantes eram as *brincadeiras*⁷ (de tom provocativo, mas não ofensivo) entre eles, que levavam a muitas gargalhadas por parte do resto do grupo.

Após meia-hora de caminhada, chegamos ao local combinado. Do lado de fora já dava para ouvir a música alta e as vozes animadas de algumas pessoas. Quem nos abriu a porta foi Cláudio (já o tinha conhecido na minha primeira noite na capital mineira, quando os estudantes estavam reunidos para conhecer a filha de Hélio): sujeito grande, forte, falador e que era visto como alguém que tinha sempre uma piada na ponta

⁷ O termo *brincadeiras* é aqui visto como aquela descrita por Comerford (2003), ao se referir as relações de sociabilidade entre famílias rurais da Zona da Mata de Minas Gerais, no qual se configura como “um tipo de interação envolvendo duas pessoas ou um grupo mais ou menos extenso de pessoas (ou duas pessoas diante de um grupo mais ou menos extenso de “espectadores”), caracterizada por *provocações* mútuas aparentemente agressivas, e respostas a essas provocações, a propósito de um mote qualquer.” (COMERFORD, 2003, pp. 89)

da língua. Estudante de agronomia, já estava há cinco anos no Brasil e era uma figura bastante conhecida entre os moçambicanos em Belo Horizonte. Após uma contribuição de dez reais de cada estudante, entramos.

Num canto do quintal a churrasqueira esperava o carvão acender para então começar a assar a carne. A enorme sala reunia grupos de quatro/cinco pessoas em rodinhas que conversavam e riam muito alto, embalados pela lista de inúmeras músicas que estavam num computador que tocava os mais variados tipos de sons (hip-hop, reggae, jazz, zouk, kuduro, etc). Não existia propriamente um dj, o computador disposto no meio da sala poderia ser usado por qualquer um dos ali presentes desde que se respeitasse, claro, a sequência prévia das músicas. Reparei que a casa era, de fato, enorme. Além do quintal lá fora, que dispunha duma garagem, e da ampla sala com dois sofás e colchões espalhados (que também serviam de sofá), havia três (3) quartos, uma cozinha, dois banheiros e mais um espaço atrás da casa que servia como área de serviço. Além de Cláudio, moravam na casa um moçambicano e um angolano.

Havia na casa cerca de vinte moçambicanos. Além de alguns angolanos (amigos do angolano morador da casa, mas que também já conheciam os moçambicanos) e poucos brasileiros (amigos e namoradas dos moçambicanos). Alguns dos moçambicanos presentes, assim como Cláudio, eu já havia conhecido ou em casa de Hélio ou durante a semana quando eles passavam pelo apartamento onde eu estava alojada, antes ou depois das aulas da faculdade, para simplesmente *baterem papo*. Ao longo da tarde fui me aproximando e interagindo com os moçambicanos. Fui entrando nas brincadeiras que eles iam fazendo, ajudando a levar a carne que estava na geladeira para a churrasqueira lá fora, lavando algumas loiças, etc. Fui assim, estabelecendo um diálogo com alguns deles e, a fim de saber como se tinha dado o processo para eles virem estudar cá, conversei com alguns estudantes separadamente. Comecei com Cláudio, que era o mais tagarela e com que já tinha estabelecido uma certa proximidade.

Cláudio: Eu estudava na Beira [província que fica no centro de Moçambique]. Fazia economia na UC (Universidade Católica). Aí, minha mãe um dia perguntou-me se eu não queria estudar no Brasil, que tinha aparecido uma oportunidade ligada ao Ministério da Agricultura. E eu, lógico que queria. Primeiro existia a facilidade linguística, a mesma língua, né?! Não teria que me preocupar em aprender uma língua diferente. E eu já conhecia o Brasil por meio das novelas, das músicas, dos filmes, e, claro, do futebol. Era um

país que me atraía e que eu achava que não fosse ficar muito deslocado. Aí eu vim e agora tou [estou] no último ano de agronomia.

Nota-se, no depoimento acima, que a oportunidade é apontada como um dos fatores que traz estes estudantes ao Brasil, país que se configura como um lugar no qual o medo de “ficar deslocado” não se faz sentir. Em outros depoimentos, percebe-se que os motivos alegados pelos estudantes para virem ao Brasil vão além de somente adquirir um diploma. Eles admitem que escolheram sair de Moçambique para reinventar sua identidade e criar novas oportunidades de vida. Fugindo de alguns problemas pessoais, com o desejo de simplesmente morar fora e, assim, conhecer novos lugares e novas pessoas.

Mauro: Eu vou ser bem sincero contigo, eu vim para o Brasil mas podia ter ido para qualquer outro lugar. Foi a primeira chance que me apareceu. Eu só queria sair de Moz. Precisava respirar outros ares. Já tava cansado de Maputo, daquela vida que eu levava lá. Vim para ver se saía debaixo da saia da minha mãe, para ver se eu crescia, se eu ganhava independência...para conhecer novas pessoas, um lugar diferente, uma nova cultura. Brasil foi a primeira oportunidade que me apareceu para eu sair de lá.

A mesma língua, a paisagem similar, a simpatia, a miscigenação, o calor, não só do clima mas também das pessoas, foram pontos fortes apontados que contribuíram para a escolha do país como local para seus estudos acadêmicos em detrimento de outros países africanos ou europeus como Portugal, por exemplo. Observa-se isso em um outro depoimento de uma das estudantes.

Tânia: Eu estudava na África do Sul, com minha irmã e com minha prima. Minha mãe um dia disse que tinha surgido uma oportunidade para ir estudar no Brasil. Logo fiquei animada com a idéia. Seria uma chance de sair da África e também ficar longe da minha irmã mais velha, assim eu crescia um pouco e ganhava responsabilidade. Para mim Brasil era...UÁU... aquelas coisas todas que você vê na mídia, país que não sofreria racismo, seria melhor do que se fosse a Portugal, por exemplo, muitas praias, calor, carnaval, alegria...aí eu pensei, é esse o lugar que eu quero ficar.

Durante os depoimentos ficou claro que os estudantes já chegavam com uma representação muito forte do Brasil, que foi sendo desconstruída ao longo do período de permanência neste país. País que está sempre na mídia moçambicana, o Brasil é visto com um certo deslumbre e ganha um *status* diferente comparado aos outros países africanos e europeus. Alguns destes estudantes já tinham começado os estudos na África do Sul (país que conta com grande presença de estudantes moçambicanos), mas comparando-se ao Brasil, tem-se a vantagem da mesma língua e o país é visto sem problemas relacionados a discriminação racial, caso que ainda é latente na vizinha África do Sul (na qual ainda se fazem sentir os resquícios do *apartheid*) e que preocupa os estudantes quando pensam em estudar em países europeus, principalmente Portugal.

Dessa maneira, quando estes estudantes, especificamente, escolhem entre ir à Portugal e vir ao Brasil, a preocupação em sofrer discriminação por ser negro é vista como sendo maior naquele país europeu. As relações históricas entre Moçambique e Portugal podem ser outro fator que pesa na hora dos estudantes decidirem seu destino. O fato de Portugal ter colonizado Moçambique faz com que muitos moçambicanos não tenham simpatia com o país. Isto é, entre o Brasil e Portugal, eles preferem vir ao Brasil, afinal, como vimos anteriormente, os laços de amizade entre esses dois países são, atualmente, mais fortes; ademais, o custo de vida mais barato aqui no Brasil apresenta-se como uma vantagem.

Além disto, o fato dos portugueses serem considerados mais frios e fechados comparados com os brasileiros, que são sempre vistos como mais abertos e alegres, faz com que estes estudantes, especificamente, tenham preferido vir para cá – ainda que se note a presença de considerável número de outros estudantes moçambicanos, e africanos no geral em terras lusas.

Leandro: Eu até tive a chance de ir para Portugal, mas ah...não quis. Tú sabes, aqueles tugas [como os moçambicanos chamam os portugueses]...sei lá...lá eu sabia que não ia me sentir à vontade, percebes?! Acho que o Brasil tem mais a minha cara, aqui iria encontrar o que realmente queria. Calor, calor das pessoas, alegria. Não tenho muita simpatia pelos tugas e acho que nem eles por nós, alguns são racistas...epah, não me sentiria à vontade. Um amigo meu alertou me, então, sobre as bolsas no CEB e aí vi a grande oportunidade de vir pra cá.

O reconhecimento de que os estudos aqui proporcionariam uma melhoria de vida é outro ponto favorável que faz com que estes estudantes se animem para vir estudar cá, como me disse uma das estudantes.

Miriam: Acho que eu, assim como a maioria dos estudantes, estão aqui para melhorar de vida. Para obter um diploma que tenha peso, que seja realmente reconhecido lá em Moçambique. Brasil é um país de grande notoriedade, respeito, prestígio, e o diploma daqui vale muito lá. Eu espero que valha (risos). Se fosse para estudar em outros países africanos tipo Namíbia ou Angola eu não iria. Mas o Brasil é diferente, outro status. E o que me faz agüentar todo esse tempo longe da minha família, dos meus amigos, é saber que no final irei voltar, o diploma será reconhecido, terá peso e eu poderei melhorar de vida, a minha vida e da minha família.

Grande parte destes estudantes teve o pai ou a mãe formado, anteriormente, em alguma instituição brasileira; fora isso, alguns vieram acompanhados pelo(a) irmão/irmã ou primo(a) consangüíneo que, também, estão nesse processo de estudante convênio. Reforça-se, portanto, a idéia de que o projeto de estudo destes imigrantes está ligado a uma base familiar muito forte.

Mauro: Minha mãe já estudara cá, no Estado de São Paulo. Diferentemente do grupo de quinze, que vieram todos juntos e que tinham quem os esperava no Aeroporto de Guarulhos, eu vim cerca de 3 semanas depois, devido à demora em sair o visto. Quando cheguei a São Paulo estava totalmente perdido; sorte que encontrei um angolano, que estava no mesmo vôo e me ajudou a ir até a Rodoviária do Tietê comprar a passagem para BH. A agitação da cidade, das pessoas, deixou-me encantando. Finalmente, ali estava. Mal sabia eu que tinha que viajar mais horas de ônibus. Eu nunca tinha ouvido falar em BH. Lá em Moçambique as cidades brasileiras mais famosas são Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador...aí, a caminho de BH, passando pelas cidades do interior, sem nenhum prédio, todas ruas de pedra ou terra batida começou a me dar um desespero, cadê as praias? Será que estou indo para o mato?!? Aí cheguei aqui, vi e adorei. Não tem mar, mas a gente vai pro bar...hehehe. Adoro esta cidade. Quando cheguei fiquei hospedado na casa onde todos os moçambicanos tavam. 15 pessoas numa casa, nossa...Aí fazíamos tudo juntos, fomos juntos para a Polícia Federal tratar do RNE, juntos fomos apresentados a faculdade, enfim...juntos descobrimos a cidade.

Muitos são os que não conseguem vaga na maior universidade pública do país, a UEM, e fazer os estudos universitários num país como o Brasil acaba sendo mais barato

do que se fizessem os estudos numa universidade particular moçambicana. O ensino superior moçambicano, conta atualmente com 23 instituições entre públicas (11) e privadas (12), sendo o número de estudantes em torno de 28.000⁸. As universidades públicas têm sempre o número de vagas inferior à demanda por seus cursos, já as instituições privadas, fundadas há pouco menos de 10 anos, apesar de também contarem com os mais variados cursos nas três grandes áreas de conhecimento e de terem um maior número de vagas disponível, possuem mensalidades muito altas, variando de US\$200 a US\$250. Assim, depois desses estudantes tentarem mais de uma vez ingressar nas instituições públicas em Moçambique, sem obter sucesso, vêm a vinda ao Brasil como uma chance de se formarem.

Hélio: Vim à BH por meio do convênio do Ministério da Agricultura. Fiz a 12ª lá [correspondente ao 3º ano do ensino médio no Brasil] e queria prestar medicina. Terminei a Escola Secundária, tentei duas vezes para a UEM [Universidade Eduardo Mondlane, a maior universidade pública de Moçambique] mas não consegui. Li sobre as bolsas do M.A. por meio de um edital que saiu no jornal, como era muito bom a biologia, decidi concorrer para medicina veterinária. Para mim era o máximo vir ao Brasil, pensava que cá iria ver aquelas mulheres bonitas e paisagens exuberantes que passavam nas novelas da Rede Globo. Mas a realidade aqui é bem diferente...não é só isso, né?

Por meio da Televisão em Moçambique, que passa imagens de cidades turísticas e litorâneas (principalmente São Paulo, Rio de Janeiro e as cidades nordestinas), telenovelas exaltando a sensualidade da mulher e a miscigenação do brasileiro são criados estereótipos que, como também observado em *Cárcere público: processos de exotização entre brasileiros no Porto, Portugal* “funcionam como um impedimento de conhecer o Brasil por trás do mundo da TV” (MACHADO, 2003, p.206).

Pierre Bourdieu (1997) explica que:

“(...) a imagem [da televisão] tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o efeito do real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos. As variedades, os incidentes ou os acidentes cotidianos podem estar carregados de implicações políticas, éticas etc. Capazes de

⁸ fonte: www.portaldogoverno.gov.mz

desencadear sentimentos fortes, freqüentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo-ódio do estrangeiro, e a simples narração, o fato de relatar, to record, como repórter implica sempre numa construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização (ou desmobilização)”. [BOURDIEU, 1997, p. 28]

Mas, afinal, que imagem é essa do Brasil em Moçambique? O cotidiano da sociedade moçambicana está sempre em contato com o Brasil por meio das telenovelas que são passadas no período da manhã e à noite, em três das quatro redes de televisão aberta do país. *Malhação*, *A Favorita* e *Os Mutantes* são exemplos de algumas telenovelas, relativamente recentes, de grande audiência nas principais capitais das províncias moçambicanas que mexem não só com o imaginário, mas também com o vestuário e outras fantasias das mulheres moçambicanas.

O Brasil é o país da moda em Moçambique, literalmente falando. É referência da moda feminina. As tendências brasileiras fazem sucesso no país, sendo cada vez maior o número de lojas de roupa, pelo menos na capital, cujos proprietários ou são brasileiros ou importam suas mercadorias do Brasil. A mulher moçambicana jovem, e da capital, nos dias atuais, quer ter roupas, sapatos, cabelos e unhas vindas do Brasil; quer se vestir como as atrizes e personagens da tela que têm a sua imagem associada à sensualidade.

Esta situação tem causado um conflito cultural e de gerações, pois os pais dessas jovens, com o tradicional costume de usar capulanas - panos (semelhantes à *canga* brasileira) geralmente muito coloridos usados pelas mulheres do norte ao sul de Moçambique como saia, vestido ou, até mesmo, amarrado à cabeça como um lenço - ou mesmo roupas “mais ocidentais”, mas que não deixem o corpo tão exposto, não estando acostumados a ver, e nem a mostrar, algumas partes do corpo como a barriga, as coxas que aparecem quando se usa um short ou mini-saia, ou parte do seio que se espreita por um decote, mostram-se, por vezes, chocados e intolerantes.

Em Maputo, a presença brasileira também se faz sentir por intermédio do aumento de Assembléias de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus, IURD, na cidade. Esta última vem ganhando cada vez mais fiés moçambicanos e é dona de uma das redes de TV aberta (a Record Moçambique) que, além de passar diariamente toda a programação vista aqui no Brasil, tem um grande espaço reservado para os pastores “passarem a sua palavra” (pastores moçambicanos mas com um acentuado sotaque brasileiro, adquirido sabe-se se lá de onde, pois nenhum deles nunca saiu do país).

Ademais, politicamente falando, o Governo Lula vem se destacando nos esforços pela proximidade social e econômica com Moçambique, destacando-se inúmeros acordos de cooperação e programas de desenvolvimento que têm sido implementados lá, entre os quais se destacam o combate à AIDS (inclusive com um projeto de construção de uma fábrica de anti-retrovirais), o projeto Bolsa Escola e o fortalecimento do setor de pesquisa agropecuária. Dessa maneira, o Brasil é visto como um país amigo e que ajuda muito aos moçambicanos; os fortes laços de amizade que unem os dois países acaba sendo mais uma vantagem para se escolher o Brasil como destino destes estudantes.

Esse aparente conhecimento em relação à realidade brasileira é desmistificado quando esses estudantes chegam cá e são confrontados com toda uma série de dificuldades com as quais têm que lidar ao longo da sua permanência. Afinal, da mesma maneira que há um desconhecimento do lado do oceano Índico, por estes lados também ocorre a mesma coisa. É freqüente um colega, amigo ou alguém, que saiba que algum destes estudantes é “africano”, fazer perguntas acerca de “África”, desconhecendo que o continente é formado por cinquenta e três (53) países com ampla diversidade étnica. O excesso de atenção e curiosidade causa um tal mal estar aos moçambicanos que chega a levar a uma involuntária exclusão dos brasileiros do seu círculo de amigos.

A imagem do continente como uma vasta savana ou densa floresta, e o desconhecimento de “Moçambique”, enquanto estado-nação, com cidades urbanizadas, carros e redes de *fast-food* mundialmente conhecidas, torna a relação com os brasileiros desconfortável, de certa maneira, levando esses estudantes a andarem mais com quem conheça a sua realidade, isto é, entre moçambicanos mesmo ou outros africanos.

Uma vez, fui com quatro moçambicanos para um churrasco de comemoração do aniversário de uma amiga brasileira de Miriam. Com cerca de vinte e cinco pessoas (todos brasileiros exceptuando-se nós quatro moçambicanos), reparei que excetuando Miriam, Kátia e Nino não interagem com os demais convidados. Ficamos nós os três num canto conversando entre nós. Nino, assim como eu, talvez não tivesse alguma intimidade com nenhum daqueles convidados, mas e Kátia? Ela era da mesma turma que Miriam e a aniversariante. Então perguntei a ambos como era a relação deles com os brasileiros, tendo respondido como se segue:

Nino: é harmoniosa, legal mas, cansativa. Tenho alguns amigos, bons amigos. O que me irrita é que a maioria das conversas é sobre Moçambique, as mesmas perguntas “lá é legal?” “Como é lá?” “Isto aqui tem em Moçambique?” “Lá vocês fazem isto?” Então prefiro ficar mais entre nós. Querendo, como não, acabo ficando mais com moçambicanos ou outros africanos por causa das mesmas afinidades. Escutamos as mesmas músicas, temos os mesmos anseios e as mesmas dificuldades.

Kátia: Os brasileiros são nossos amigos, são super simpáticos; tenho muitos amigos. Mais amigos que amigas, mas tenho. Dou-me bem com eles. Participo de alguns churrascos que eles organizam mas acabam tornando-se irritantes quando tocam sempre no mesmo assunto: “E lá em África?”; “E lá em Moçambique? O arroz é assim? O feijão é assim?”; “Vocês fazem isto? Vocês fazem aquilo?” Cinco anos de convívio e eles só sabem falar nisso e pensar que lá é uma grande selva e que somos todos uns selvagens. Por favor!!!

E, como num passo de mágica, nesse instante um dos convidados chegou até nós e disse que soube que éramos da África. Nino e Kátia imediatamente olharam para mim, com um sorriso irônico - como quem diz “não te falei?” Eles tinham falado; e o que se sucedeu depois foi, exatamente, aquilo que eles relataram.

É, de fato, comum a ignorância dos brasileiros em relação a Moçambique ou a África no geral. Lembremos-nos do episódio do taxista, que ocorreu na minha primeira noite em BH. Além dessa história, recordo-me de um episódio que ocorreu quando ainda morava em São Carlos. Conversava eu com o dono do mercadinho da esquina da minha casa, no qual fazia compras quase diariamente. O sr. José, era daqueles senhores sempre de bem com a vida, sorridente que gostava de soltar suas piadas e de conversar bastante com seus clientes, que moravam ali nas redondezas. Perguntava-me ele um dia, se eu sentia saudades da minha terra e se pretendia voltar para lá. *Sentia saudades sim, muitas. E claro, queria voltar para lá assim que concluísse meus estudos.* Ele logo me disse: *“volta não, muito melhor estar aqui no Brasil. Ó, não há guerra aqui, somos todos pacíficos. Eu vejo na tv, nos jornais, que a África tá em guerra. Muitas doenças né, triste isso..muita pobreza...fica aqui que você ganha mais”.*

Nota-se que discursos e imagens estereotipadas são impostas e efetivadas, o que Machado (2003) denomina “processo de exotização”, isto é, movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos. Machado refere-se,

especificamente, à exotização do Brasil e dos brasileiros em Portugal, situação que se parece aplicável ao caso dos moçambicanos no Brasil.

A aparente falta de interesse de alguns brasileiros em desconstruir a imagem de uma “África” homogênea e selvagem, e insistindo nas mesmas perguntas durante todo o tempo de permanência destes estudantes no Brasil, constitui uma das queixas mais comuns dos moçambicanos em Belo Horizonte, aspecto que gera uma relação tensa com os brasileiros, e fazendo com que os moçambicanos convivam mais entre si e com africanos de outras nacionalidades.

Porém, não se pode pensar nestes estudantes como um grupo homogêneo. Considerando-se negros, pretos, mulatos ou indianos, estes estudantes vêm de diferentes localidades como Pemba, Quelimane, Beira, Gaza e Maputo. Eram comuns brincadeiras entre eles que faziam transparecer diferenças e até uma certa rivalidade regional em suas conversas, como aconteceu certo dia durante um jantar em casa de Cláudio, onde foi possível observar como os estudantes oriundos de Maputo riam da maneira de falar dos naturais da Beira (cidade que se situa no centro do país) que tinham um sotaque mais carregado e pronunciavam certas palavras com uma fonética diferente. Além disso, eram típicas piadas exaltando uma maior urbanização da capital em relação as outras regiões, como: *“esses gajos de Quelimane quando vão para Maputo só sabem fazer compras (...)também até as coisas chegarem por lá, leva muito tempo”*.

Sendo alguns destes estudantes muçulmanos e outros não, outra diferença constatada se refere aos hábitos alimentares. Os muçulmanos não comem carne de porco, dessa maneira, quando todos estavam juntos ou não se pedia, por exemplo, pizza que tivesse bacon ou calabresa ou tinham que pedir uma pizza à parte; e, durante os almoços, no qual a feijoada era muitas vezes o prato principal, evitava-se adicionar ingredientes derivados do porco.

É notável, através dessas histórias de vida, a particularidade de cada estudante. Pelos depoimentos observa-se que, ainda que grande parte dos brasileiros insista numa idéia de uma “identidade africana” uma para todos os estudantes, estes são pertencentes a diferentes etnias e vindo com diferentes motivações e expectativas são, pois, heterogêneos.

4. AMIZADES E REDES DE SOCIABILIDADE

As faculdades, os bares, as festas, idas ao shopping e eventos da cidade - desde shows na praça da estação até as feirinhas da savassi a cada quinta feira a noite, ou nas manhãs de domingo na av. Afonso Pena na feira *hippie*, - o conhecer a cidade e o circular entre as casas uns dos outros, faziam parte do cotidiano desses estudantes.

No ano de 2009, a maioria dos estudantes em BH era formando. Tinham, então, poucas aulas na faculdade para que tivessem mais tempo de pesquisar e escrever seus trabalhos de conclusão de curso. Parte dos estudantes tinha aulas no período da manhã e outra parte à noite. Alguns ainda faziam estágio remunerado para ajudar no pagamento de contas. Em alguns dias ocorriam reuniões em grupo para discutir algo ligado aos trabalhos que tinham que entregar. Essas reuniões eram entre os moçambicanos mesmo, em um de seus apartamentos. De se lembrar que seis das meninas moçambicanas estavam na mesma turma do curso de veterinária; parte das turmas da FEAD (a faculdade que tinha convênio com o Ministério da agricultura e que contava com maior número de moçambicanos na cidade de BH) tinha pelo menos dois moçambicanos em suas salas e, por isso, as dúvidas eram tiradas entre os estudantes moçambicanos mesmo.

Nos dias em que não tinham aulas, o bar *O Buteco*, embaixo de um dos edifícios onde moravam alguns estudantes, era o seu ponto de encontro, e não só. A partir das 18:00 horas o local ficava cheio das mais variadas pessoas. Desde homens engravatados acabados de sair do trabalho, *hippies* que vendiam seu artesanato por ali, enquanto bebiam, estudantes que voltavam ou que ainda iam à faculdade, aposentados que moravam no edifício, entre outras gente. Era um ir e vir constante de pessoas.

A nossa segunda casa. Foi assim como esse espaço me foi apresentado, a primeira vez que lá fui. Isso porque, durante os quatro anos na capital mineira, passavam tanto tempo lá como em suas próprias casas. Milton, o *garçon*, conhecia cada um pelos respectivos nomes. *E aí moçambas, beleza? Miriam, cortou o cabelo? Kátia, como vai a facul? O que vocês irão querer?* Estas eram as formas habituais de saudação provenientes de Milton.

As conversas nessas rodas sempre levavam à histórias que girassem em torno dos bares ali do centro freqüentados nesses cinco anos e que fecharam, reformaram ou

mudaram de nome. Lembranças de amizades, de pessoas que já tinham regressado à Moçambique, do início das brigas e batidas policiais, eis alguns exemplos:

- “Quando fulano ainda estava cá”
- “quando éramos muitos e chegávamos a encher uma mesa em L”
- “quando eu ainda era muçulmano e não bebia e nem comia porco”
- “Quando o “Copo Cheio” ainda era uma caixinha de fósforo; agora já tá tudo reformado, chique...”

*O Buteco, Copo Cheio, Dona Maria, O Barraco*⁹, os bares que circundam o centro de BH e os que estão perto das faculdades, tornavam-se espaços de grande convivência e sociabilidade desses estudantes (sendo neles que moçambicanos e brasileiros se relacionavam mais). Também apresentavam-se como marcos de temporalidade ao serem usados como cenário e referência que estruturavam a cronologia de suas histórias sobre eventos passados, pessoas que já tinham regressado à Moçambique e início da convivência desses estudantes cá. A importância dos bares e restaurantes na organização da vida de alguns imigrantes já tinha sido observada por Machado (2003) entre os brasileiros no Porto. Em Portugal “a sucessão de bares que abriram e fecharam ao longo dos cerca de 20 anos de imigração brasileira constituem a narrativa épica dessas pessoas (...) ou seja, eventos e pessoas do passado são localizadas no tempo pelas ações que executaram ou aconteceram nos bares brasileiros. ” (MACHADO, 2003, p. 136), o mesmo se notando entre os estudantes moçambicanos na capital mineira.

Mesmo que nos bares em Belo Horizonte, os moçambicanos convivessem mais intensamente com brasileiros, ainda assim, quando o número de moçambicanos era grande, eles ficavam em um grupo à parte (entre eles) conversando sobre algo do seu cotidiano, sobre acontecimentos recentes do Brasil e de Moçambique ou ainda focando sobre algum conterrâneo.

Uma vez, numa quarta à noite, recebi uma ligação de um estudante a chamar-me para ir ter com ele no boteco embaixo do prédio onde eu morava. Ele e mais quatro moçambicanos acabavam de sair da aula e estavam lá bebendo e jogando conversa fora.

⁹ Os nomes dos bares também são fictícios.

Fui lá ter. Chegando lá reparei que dois dos estudantes (que vestiam camisetas com a bandeira nacional e escrito Moçambique) ao conversar sobre o comportamento de um outro moçambicano (que não se encontrava lá, claro) concordavam que este gostava de fazer intriga, julgar e se meter na vida dos outros por puro gosto de fazer fofoca.

Mauro: Eu já tou cansado dele (...)ele é muito interessado. Só quer se dar bem as nossas custas. Eu já nem fico por perto. E eu já sei que quando ele vai lá para casa, com aquela carinha de muito simpático, no fim irá sair de lá para a casa de vocês com uma história inventada sobre mim. E nem sei o que ele ganha com isso, só a nossa antipatia porque todos nós já sabemos como ele age.

Ao transcrever este episódio para o meu caderno de campo, pude constatar que durante a etnografia a *fofoca* sempre fez parte das conversas desses estudantes. Comentários, julgamentos e interpretações sobre as ações dos outros estudantes, particularmente moçambicanos, eram frequentes quando parte deles se reunia: quem está devendo, quem está solteiro, namorando, se envolvendo ou traindo fulano, quem tem uma índole duvidosa e, portanto, não era de se confiar e assim por diante. Sempre com uma conotação negativa, os estudantes no geral consideravam que os moçambicanos eram muito fofoqueiros; e, segundo eles, quanto maior o número de moçambicanos, maior tendia a ser a rede de fofoca. Lembro-me de um dia ao conversar com uma estudante, ela me perguntava se eu era a única moçambicana na cidade onde estudava, isto é, em São Carlos. Ao responde-la positivamente ela me disse que isso era bom porque assim eu não era vítima de fofocas.

Rita: Quando há muito moçambicano junto é bom né...bom porque tú não te sentes tão sozinha. Sempre podes te reunir, curtir as mesmas coisas, não te sentes tão deslocada e as saudades de casa diminuem. Mas também muito moz junto é fofoca na certa. Moçambicano é muito fofoqueiro. Todo mundo sabe da sua vida (...) gostam de controlar a vida do outro, se meter na tua vida, entendes?! Mozs quando se juntam não conseguem ficar sem falar de quem não está presente. Isso não é bom...

Ao mesmo tempo em que a presença de moçambicanos cria um bem estar no qual a sensação de solidão e de estar longe de casa é esquecida, o intenso convívio entre eles leva a uma frequente observação e controle das ações de cada um por parte do resto

dos estudantes. Esse controle informal sobre os outros pode ser comparado ao que Comerford (2003) observou nas ações e circulações dos moradores das localidades rurais da Zona da Mata de Minas Gerais que também estavam sujeitos a essa rede de observação:

“O que alguém da roça faz em sua passagem pela cidade torna-se com toda a probabilidade rapidamente conhecido na sua comunidade de origem. Nesse contexto, todos os moradores sabem que suas ações muito possivelmente acabarão sendo, em maior ou menor grau, com maior ou menor detalhamento, objeto dessas narrativas – inclusive das suas próprias narrativas”. (COMERFORD, 2003, p. 32)

Em relação a pesquisa de Comerford (2003) esses eventos narrativos classificados como *fofoca* - dependendo das circunstâncias e da maneira de narrar – estavam ligados ao plano das famílias e de suas relações. Isto é, cada ação que era comentada tendia a ser tomada como uma mensagem sobre qualidades, fraquezas, diferenças e capacidades pessoais, mas principalmente familiares nas relações sociais daquelas localidades. No caso dos moçambicanos a fofoca, além de ser uma forma de sociabilidade também era uma maneira de definir as relações e redes de amizade entre esses estudantes.

A cada informação sobre supostas dívidas, mentiras, traições ou casos de interesse que um ou outro estudante tinha provavelmente cometido, ia aproximando, de um lado, quem era considerado mais amigo para falarem de outros que não eram considerados assim tão amigos, afastando-os, portanto, daquela rede. Era o caso do episódio que Mauro narrava naquela noite, sobre um dos estudantes moçambicanos que era visto como sendo interesseiro e que gostava de inventar histórias sobre os outros. Naquela ocasião, ali naquele boteco se encontravam os moçambicanos que Mauro considerava mais próximos, os verdadeiros amigos nos quais ele podia confiar e falar à vontade sobre aqueles que ele considerava não tão amigos assim.

O discurso sobre a amizade aparece então como uma categoria fundamental entre estes estudantes para assim estabelecerem suas relações sociais. Para os estudantes moçambicanos a definição de amigo aparece da mesma maneira que aquela descrita por Cláudia Rezende (2000) ao pesquisar as relações de amizade entre jovens solteiros universitários no Rio de Janeiro. Em ambos os casos, amigo é definido como aquele com quem se tinha afinidades de gostos, de visão de mundo, de aspirações e com quem se criavam identificações, além de ser alguém “de confiança”, que guarda segredos e partilha-se intimidades.

Contrapondo-se a esta definição de amigo, estes estudantes também se referiam às pessoas não-amigas que, não sendo verdadeiras, se aproximam por interesse. São os ditos “falsos amigos”. Rezende (2000) ajuda a entender melhor este ponto ao explicar que, ao denominar os “falsos amigos” esses jovens fazem “referência implícita às pessoas interesseiras (...) que se aproximam dos outros até de forma afetuosa, mas faltam nos momentos difíceis ou até mesmo *sacaneam* o outro”, e são as pessoas marcadas por esta características que se tornam o centro das rodas de fofoca.

A amizade se inicia a partir do momento em que intimidades são compartilhadas e “a convivência cotidiana entre aqueles que têm intimidade é permeada por brincadeiras”. (COMERFORD, 2003, p. 89). As tais brincadeiras, já citadas anteriormente e que se constituem em tipos de provocações mútuas e respostas a essas provocações, aparentemente agressivas mas em tom de descontração, são feitas sempre quando os amigos considerados mais próximos estão reunidos e vão, dessa maneira, medindo o grau de intimidade e de amizade desses estudantes. Portanto, a partilha dessa intimidade varia, lembrando Rezende (2000), quantitativamente, isto é de acordo com o grau de proximidade da relação. Estabelecendo, portanto, uma forma de sociabilidade estas brincadeiras geralmente feitas em qualquer momento social tinham como temática a sexualidade, atributos físicos, diferença de sotaques (é bom lembrar que os estudantes eram oriundos de várias localidades de Moçambique: sul, centro e norte) ou um acontecimento qualquer ocorrido com um dos participantes envolvidos.

Concorda-se, então, com Comerford quando afirma que:

“Assim, a *brincadeira* é uma forma de sociabilidade cotidiana, prazerosa, não-séria, supostamente igualitária (mas na prática, não tanto), que guarda uma relação especial com a amizade. *Companheirismo, união, amizade e brincadeira* andam juntos. Os amigos, quando estão juntos, brincam entre si, e se há *brincadeira*, é porque se trata de *amigos* (entre os quais os limites para que uma pessoa se sinta ofendida são reconhecidamente muito amplos e portanto as provocações podem ser feitas com grande liberdade). *Amigos* fazem *brincadeiras* e *brincadeiras* fazem *amigos*, ressalvadas, evidentemente, as possibilidades 1) da *brincadeira* ser mal interpretada e fazer inimigos e 2) da falsa *brincadeira* (portanto verdadeira agressão dos falsos amigos)”. (COMERFORD, 2003, p. 91 – grifos do autor)

Com grande parte dos colegas da faculdade, por exemplo, esse tipo de brincadeiras era mais contida e, pode-se dizer, até evitada. Ainda que estudantes moçambicanos e seus colegas brasileiros tivessem algum tipo de sociabilidade e compartilhassem algum afeto, entre eles não havia intimidade. Eram poucos os colegas

que se enquadravam na definição de “amigo verdadeiro”, ou seja “aquele que não só conhece o outro e suas *intimidades* mas que se envolve, que cuida e se preocupa com o outro”. (REZENDE, 2000, grifo do autor)

Pois bem, indo por essa linha de raciocínio, era nos bares e botecos que circundavam o centro de BH, e os próximos as faculdades, que os colegas brasileiros dos estudantes vinham, sentavam à mesa, conversavam e teciam suas redes de sociabilidade. Falavam dos festivais de música e arte que decorriam na cidade, perguntavam sobre a faculdade, como estavam os que tinham regressado a Moçambique, conversavam sobre o dia estressante que tiveram, convidavam para uma balada mais tarde, entre outros assuntos. Mas o ambiente mudava quando alguém surgia e fazia perguntas sobre o modo de ser e viver em *África*. Os estudantes moçambicanos em BH respondiam impacientes e, depois do sujeito ir embora, com cara de aliviados, diziam: “*cara chato! Por que não se informa direito pra não falar porcaria?*”. Ou seja, notava-se, nesses casos, uma relação tensa entre brasileiros e moçambicanos.

Dentre os poucos brasileiros que conviviam freqüentemente com moçambicanos e eram considerados “amigos verdadeiros”, isto é, compartilhavam suas intimidades, eram de confiança, tinha afinidades de gostos, de visão de mundo, de aspirações e com quem se criavam identificações e se brincava, destacavam-se Júlio e Roberto.

Mineiro, Júlio, 27 anos, trabalhava numa casa de shows na cidade, e conheceu um dos moçambicanos em uma festa, através de amigas cabo-verdianas que tinham em comum. O moçambicano Celso apresentou Júlio para o resto do grupo e, assim começou a freqüentar cada vez mais as festas e almoços organizados por estes, tornando-se, pois, mais próximo e íntimo. Foram muitas as vezes que vi Júlio nos churrascos, almoços e festas em casa dos moçambicanos e de alguns cabo-verdianos. Num desses espaços de convivência, enquanto Júlio roubava a cena mais uma vez, dando um show do que pretendia ser uma dança *a la moçambicana*, perguntei a Celso, como começou a amizade com o brasileiro.

Celso: Ele é um cara bem legal. Fomos apresentados pela Milena [uma cabo-verdiana] numa festa em casa dela. Depois ele apareceu num churrasco que eu dei lá em casa. Aí começamos a bater-papo. Ele tem uma mente aberta, não chegou com preconceitos...Você entende?! Chegou curioso em conhecer nossa cultura, escutar nossa música, aprender nossa

dança. Até nossas gírias ele já sabe (risos). Assim como também nos mostrou como são as coisas aqui no Brasil. (...)É um grande amigo, de confiança, alguém que eu posso contar sempre. Assim como ele também sabe que pode contar comigo.

Durante os vários churrascos em casa dos estudantes, Júlio, muito à vontade, dançava as músicas africanas que eram tocadas, sabia algumas letras de cor de canções moçambicanas e, as vezes, falava com expressões tipicamente moçambicanas como *maningue nice* (que significa “muito bom”). Ele também era o responsável por estender as redes de sociabilidade desses estudantes - é bom lembrar que para se inserir no campo destes estudantes era sempre preciso ser levado por um outro moçambicano ou africano de outra nacionalidade - convidando-os para eventos, almoços ou churrascos organizado por brasileiros, ou simplesmente para “um bate bola” no final de semana. Várias vezes fomos a aniversários de seus sobrinhos, primos e outros familiares em casa de seus parentes.

Roberto era outro amigo brasileiro muito íntimo que estava sempre presente em casa de um dos moçambicanos. Ele conheceu um grupo de moçambicanos numa festa organizada por angolanos e, o que no início era uma mera curiosidade e interesse em saber como eram as festas africanas na capital mineira, foi aos poucos se transformando numa grande amizade. Após conhecer os moçambicanos e ser convidado a participar dos churrascos e almoços destes, Roberto passou a conviver mais com os estudantes e ganhando mais intimidade. Ele e sua namorada, igualmente brasileira, também eram responsáveis por estender as redes de sociabilidade dos estudantes, ao convida-los também para os seus eventos familiares. Várias foram as vezes que fomos a casa de sua avó, tia ou namorada participar de festas juninas, “festas bregas” ou simples aniversários.

Ele e a namorada chegaram, inclusive, a viajar para Moçambique, passando lá três meses de férias. Lembro-me que um dia conversava com Roberto, enquanto esperávamos o almoço ficar pronto em casa de Celso, quando perguntei-lhe da viagem que ele tinha feito à Moçambique e como tinha surgido o interesse em ir para lá, no que ele me respondeu:

Roberto: Eu sempre fui curioso em conhecer outras culturas. E estes caras [os moçambicanos] são tão alto-astrol, tão parecidos com a gente e ao mesmo tempo tão diferentes que eu me encantei cara... Fiz grandes amigos, amigos que vou levar pra vida inteira. De tanto que eles falavam de Moçambique e iam me mostrando as músicas, as fotos...eu decidi ir lá conhecer. E me encantei... muito bonito lá. Estive em Maputo, na Beira e em Pemba... aproveitei e fui pra África do Sul também, era uma viagem que eu planejava fazer há muito tempo. Em Maputo fiquei em casa do Neto, conheci a família dele, os amigos...foi uma loucura. Amei!!!

Percebe-se em Júlio e Roberto exemplos de sujeitos que, diferentemente da imagem de outros brasileiros considerados pelos estudantes como ignorantes, chatos ou pedantes ao fazerem sempre as mesmas perguntas sobre “África” e africanos, conseguiram criar intimidade e uma relação de amizade sólida com os moçambicanos. Não só pela convivência quase diária, mas a partir do momento em que entraram, permaneceram e começaram a circular nas casas dos estudantes, bem como por meio de almoços e churrascos no qual há o compartilhamento do mesmo alimento, estes brasileiros tornaram-se responsáveis por, então, estender as redes de sociabilidade dos estudantes criando também, desse modo, laços de parentesco (assunto que será melhor discutido mais à frente).

4.1.Entre a festa e a identidade: proximidades e distanciamentos

No geral, todavia, é fato que moçambicanos conviviam mais com moçambicanos ou com estudantes de outras nacionalidades africanas, comumente, chamados de “budjurras” (cabo-verdianos), “mangolwes” (angolanos) ou “guiguís” (guinenses), por exemplo. É o que se pode aferir do seguinte depoimento de Mauro:

Mauro: Eu ando mais com moçambicanos, meus amigos, meus irmãos, minha família. Sei que posso contar com eles quando eu precisar, tarão sempre lá... nos bons e maus momentos. Somos muito unidos, tudo bem que há sempre uma discussão ou outra. Podemos ficar sem nos falar por dias, mas depois fica tudo bem. Quanto aos outros africanos, também me dou bem com eles. Cabo-verdianos, angolanos, guinenses. Não com todos eles, mas são gente boa. Vamos as festas que eles organizam, quando nós organizamos nossas cenas eles também vêem, tá ver, né?

Lembrando Magnani (2009), além de aparecerem como um recorte obrigatório ao se pesquisar as diferentes formas de lazer na cidade, o estudo das festas “constitui sempre uma via de acesso privilegiada para o entendimento das regras que estão na base de redes de sociabilidade” (MAGNANI, 2009, p. 139). Diferentemente dos churrascos que eram de organização fácil e rápida, além de serem mais restritos aos moçambicanos, as festas eram organizadas com antecedência, de uma maneira mais elaborada e abarcavam um público mais amplo, além dos convidados se vestirem mais pomposamente ao trajarem ternos ou trajes africanos, ainda que se pudesse notar jovens com camisetas com o nome ou alguma figura importante do seu país, como Samora Machel ou Amílcar Cabral, além de camisetas com cores associadas ao *reggae*. Do mesmo modo em quem as festas organizadas por moçambicanos se notava uma presença constante de estudantes angolanos, cabo-verdianos ou guinenses, o mesmo acontecia quando estes últimos organizavam as suas festas: os moçambicanos faziam questão de marcar a sua presença.

Uma vez fomos a uma festa organizada por guinenses num sobrado, no bairro da Pampulha, onde na entrada pagava-se o valor de quinze reais. Uma semana antes, já se comentava sobre a festa entre os moçambicanos que moravam no centro, afinal as festas africanas eram as que deixavam a todos muito empolgados, porque, segundo os estudantes, eram muito animadas, terminavam ao raiar o dia e eles se sentiam à vontade, em casa. Como sempre, houve uma concentração dos estudantes num ponto de ônibus no centro da cidade e, todo juntos, fomos ao local que se realizaria a festa. A casa, apesar de grande, não conseguia acomodar tanta gente, de tão cheia que estava; e parecia que estavam presentes todos os estudantes africanos de Belo Horizonte (sãotomenses, congolezes, marfinenses, além dos já mencionados). Pude reconhecer vários rostos já vistos em festas anteriores e que se faziam presente em quase todas as festas.

Observando-os de longe, tornava-se impossível distinguir a nacionalidade de cada um, pois pareciam estar todos na mesma sintonia, qual bloco homogêneo: alegres, bebendo, dançando, falando alto e rindo muito. Mas, ao passar por eles, observando-os mais de perto, percebia-se, por exemplo, quem era cabo-verdiano, dado o *crioulo* que se fala entre eles; quem era angolano, pelo sotaque carregado e algumas expressões típicas no meio da frase; ou quem era do Congo, por exemplo, por estarem a falar francês ou pela dificuldade “típica” ao se comunicarem em português.

As músicas que tocaram na maior parte do tempo eram de cantores africanos ou de *hip-hop* norte americano e iam mantendo a pista de dança sempre cheia. Os únicos tipos de música brasileira que tocavam (nesta e em outras festas organizadas por estudantes africanos como pude reparar) eram o funk carioca ou o axé, pois, comparados com o ritmo africano, eram semelhantes na batida forte, na dança sexualizada e nas letras erotizadas. Num canto da casa havia uma mesa de comidas com batatas fritas, frangos e carnes assadas e uma panela de arroz e feijão que rapidamente ficou vazia.

Confesso que aquele ambiente me deixou hipnotizada. Roupas coloridas ou brilhantes contrastavam com o espaço iluminado a meia-luz, no qual corpos se movimentavam sem parar ao som de músicas em seu volume máximo, que faziam o chão tremer. Um autêntico desfile de penteandos ia passando por mim a cada vez que eu dava um passo: dreadlocks, tranças ou o cabelo todo solto no estilo afro, tanto em homens como em mulheres, até os mega apliques de cabelos lisos que chegavam até a cintura. As pessoas falando, rindo e gesticulando exageradamente, aquela mistura de sotaques. Sim, parecia que me encontrava em um outro lugar.

Foi assim até a noite se tornar dia. No final, a pista de dança antes abarrotada, contava agora com apenas alguns casais dançando coladinhos, já se podia andar a vontade pela casa sem esbarrar em ninguém, no chão inúmeros copos descartáveis jogados e vestígios de comida ou alguma bebida derramada. Um e outro sujeito dormiam em um sofá no canto da casa. Discussões exaltadas sobre diferença de comportamento entre homens e mulheres alimentavam as conversas dos últimos convidados, que não pareciam querer sair daquele ambiente. Finalmente decidiu-se que era hora de ir embora, e, em caravana, cerca de dez moçambicanos saíram dali do sobrado em direção ao ponto de ônibus. Metade do grupo pegou o ônibus que ia em direção ao Coração Eucarístico e, a outra metade, foi ao centro. Olhei para o relógio, eram 6:30 da manhã.

Analisando como os estudantes se portavam nos almoços coletivos, nos churrascos ou nas festas (com uma presença majoritária de compatriotas e de outros africanos de diferentes nacionalidades) e comparando como eles interagem nos bares e botecos onde se notava maior presença de brasileiros, ficou claro que o seu comportamento e interação variavam com espaço em que eles se encontravam. No espaço privado, circuito de casas e repúblicas, onde eram maioria o comportamento

parecia ser mais aberto e espontâneo, diferenciando-se daquele adotado no espaço público, na qual havia uma certa reticência quando entravam em contato com brasileiros.

Esta diferença de comportamento, estas proximidades e distanciamentos, também eram marcados pelos discursos nativos sobre a amizade, grau de intimidade ou ainda pela afinidade e iam, deste modo, tecendo as redes de sociabilidade destes estudantes em Belo Horizonte.

5. TRANSFORMAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

“Você só se descobre preto quando está fora da sua terra”

O desconhecimento inicial da realidade brasileira por parte destes estudantes provoca, entretanto, um outro problema, que se relaciona ao racismo. Como um dos estudantes disse em uma conversa, *Você só se descobre preto quando está fora da sua terra.*

De fato, entre a faixa etária dos 20 aos 27 anos, estes estudantes se consideram negros, pretos ou mulatos. Estas categorias nativas são definidas pela cor da pele, isto é, pela fenotípia, diferenciando-se o negro/preto do mulato, porque este último possui tonalidade mais clara da pele e cabelo mais comprido ou mais cacheado. Em Moçambique o termo *mulato* é usado, no senso comum, para designar o descendente de pai branco e mãe negra, ou vice-versa.

Através de histórias e de episódios relatados pelos estudantes, bem como vividos quando estava entre eles, foi possível confirmar que chegados ao Brasil este tipo de situação correspondia a um quadro que eles não estavam preparados para lidar, afinal tinham uma representação do Brasil como país da miscigenação e da democracia racial, como dito anteriormente, fato que se configurou como um dos pontos fortes na escolha deste país em detrimento de países europeus como Portugal e Inglaterra, ou mesmo africanos, como a África do Sul.

Saidos de um país de maioria negra, estes estudantes pensavam estar a vir para um país no qual o racismo não era visto como algo a ser enfrentado. Estando no Brasil, esse tipo de discriminação se no início chocava, foi se tornando em algo corriqueiro e, em alguns casos, virando motivo de piada. Uma vez ao sair de um restaurante durante a madrugada, enquanto esperávamos o ônibus no ponto, um estudante - num grupo de sete (7) moçambicanos, em tom de brincadeira, soltou a frase: *“Acho até que o motorista irá ficar com medo de parar. Tanto preto junto, ele vai pensar que será assaltado”*. Os outros riram. Depois de entrarmos no ônibus, perguntei ao estudante o porquê dele ter dito aquilo: *“Ah, aqui no Brasil sempre olham para o preto com desconfiança, não digo todas as pessoas...mas algumas pessoas acham que se é preto não tem educação ou é ladrão, ai ficamos sujeitos a isso.(...)”*

Outra vez durante mais um convívio entre os estudantes na república onde estava alojada, iniciamos uma conversa sobre os mais variados assuntos. Como já tinha acontecido anteriormente, em outras rodas de conversa, quando os estudantes se reuniam, surgiram as comparações entre Brasil e Moçambique: modo de vida, facilidades e a sociedade de um modo geral. Introduzi, então, o assunto racismo para ser discutido. Queria saber se eles já tinham sido ou não discriminados, de que maneira e em que situação. Henrique, que estudava veterinária e que tinha vindo pelo convênio do Ministério da Agricultura, portanto, frequentava a faculdade particular FEAD, respondeu-me:

Henrique: (...) História de racismo, não tenho nenhuma em particular. Já sofri inúmeras vezes, claro, mas aquelas histórias que já se tornaram rotineiras. A polícia abordando você vezes sem conta, mesmo você estando todo de branco, saindo do hospital veterinário, com pasta e livros. Isso é corriqueiro... Toda vez que andamos na rua, as senhoras seguram suas bolsas mais forte, os caras abaixam as travas dos carros, essas coisas.

Eles contavam histórias de discriminação sofridas nas ruas onde eram abordados por policiais (principalmente a noite quando estavam sozinhos ou em grupo de mais de três estudantes), nos *shoppings* onde o comportamento dos atendentes das lojas não era aquele esperado e muitas vezes deixavam-os constrangidos ao exigirem documentos adicionais no momento do pagamento (o que não acontecia com outros clientes), além dos olhares dos seguranças seguindo-os a todo o instante; nos corredores das faculdades e mesmo dentro das salas de aulas, os episódios eram inúmeros. No relato seguinte temos mais um exemplo.

Juvenal: Sofri muito no início com o racismo. Você só se descobre preto quando está fora da sua terra. A maioria das pessoas (principalmente mulheres) quando vê que você está indo em direção a ela na rua, segura a bolsa e olha com medo ou simplesmente atravessa a rua. Mas já me acostumei. Na faculdade, você é sempre o último a ser escolhido ou lembrado para entrar num grupo. No shopping você sempre sente o olhar do segurança te seguindo.

Mesmo na universidade, ainda que estrangeiros, a cor da pele destes estudantes associa-os a uma imagem de inferior e incapazes, estabelecendo assim uma ponte com os dilemas históricos de discriminação e exclusão social de negros brasileiros.

Mauro: No outro dia aconteceu na faculdade. Por acaso, cheguei atrasado à aula esse dia, e todos os grupos já estavam formados. Consegui me encaixar em um grupo, mas eu não era ouvido, não tinha voz. Todos falavam, opinavam e quando chegava a minha vez de opinar eles paravam, olhavam e continuavam o assunto ignorando totalmente o que eu tinha falado. Eu praticamente não fiz o trabalho, eles não me ouviam, não queriam me ouvir. Mas o pior foi o final: eles terminaram e foram entregar o trabalho sem colocar o meu nome. Não me lembro por que motivo fui ter com o professor, peguei o trabalho na mesa e reparei que meu nome não havia sido posto. Fiquei indignado, zangado, triste...eh pá!? É f... No final da aula ainda escutei “não era para pôr o nome dele, não era para pôr o nome dele”. Fiquei maningue off [expressão tipicamente moçambicana para referir o quanto alguém está triste, pra baixo]¹⁰.

Muitos estudantes queixavam-se de alguns dos seus colegas brasileiros, referindo-se a eles como não sendo parceiros, por não ajudar quando aqueles tinham alguma dificuldade apontando como motivo o fato de eles serem negros ou pretos. Preferindo, por conseguinte, estudar entre eles mesmos, os moçambicanos¹¹.

¹⁰ Estes depoimentos foram feitos tanto por aqueles que se consideram negros ou pretos, quanto pelos que se consideram mulatos (ainda que estes tivessem menos queixas).

¹¹ Esta situação já foi observada por Gusmão (2008, p.8) que, muito a propósito, afirma que mesmo quando esses estudantes representam “uma elite letrada com nível cultural e educacional acima da média brasileira (...) nem sempre são vistos como tal por seus professores e colegas de sala de aula, até o momento em que se destacam dos demais por seus desempenhos acadêmicos”. Não raro, na premiação dos melhores estudantes da faculdade há sempre um moçambicano que se destaca. Desta vez, Kátia foi considerada a melhor aluna do curso de veterinária dos formandos 2009 da FEAD, ganhando um certificado e uma medalha de mérito.

5.1. Entre o exótico e o estereótipo

Outra diferença, em relação ao racismo, é a maneira como ele é percebido, e diferenciado, entre os estudantes do sexo feminino e os do sexo masculino. Para eles, o racismo tende a ser mais frequente e direta nos homens do que nas mulheres. Pois, quando se trata das mulheres moçambicanas, o mistério em volta da sua sexualidade contribui para que este racismo seja camuflado, enquanto nos homens já se apresenta mais explícito e violento.

Este ponto também foi notável pelos depoimentos, nos quais os meninos tinham mais o que falar do que as meninas. Prestemos atenção a um deles, feito por uma estudante:

Cíntia: Em relação ao racismo, creio que existe muita diferença entre o racismo que os meninos sofrem e o que nós, as meninas, sofremos. Eles podem ser discriminados no shopping, nas ruas, nas discotecas, enfim no cotidiano, por coisas pequenas. Seja por homens e também por mulheres. Em nós o racismo tende a ser mais leve. Claro que já fui discriminada, pelos familiares dos meus amigos brasileiros, quando vou a casa deles e tal, eles sempre olham de baixo para cima, tem aquele olhar de desconfiança, mas os homens brasileiros, os homens brancos brasileiros, ainda ficam com aquela vontade de ficar, de se relacionar com uma mulher preta africana. Ainda existe aquele mistério todo envolvendo a sexualidade da africana e tal. O racismo contra os meninos é bem mais violento.

Observa-se, por conseguinte, a imposição do processo de exotização, neste caso solidificado pelo estereótipo da sexualidade da mulher negra africana. Em sua tese de doutorado Machado (2003, p.66) descreve uma situação semelhante, em que mulheres brasileiras “relataram situações em que foram assediadas sexualmente por portugueses que não conheciam, mas que ao identificá-las como brasileiras pelo sotaque, imaginavam poder molestá-las pelo fato de que, afinal, eram brasileiras”. A representação dos portugueses sobre os brasileiros está, dessa perspectiva, permeada pela idéia, segundo Machado, de uma sexualidade alterada.

Pode-se dizer, por outro lado, que deste lado do Atlântico também parece existir uma representação muito forte a volta da sexualidade da mulher negra e africana por

parte dos homens brasileiros, aspecto que parece ter fortes implicações na inexistência de relacionamentos amorosos entre mulheres moçambicanas e homens brasileiros, como veremos mais adiante.

Ora, o debate sobre a questão racial no Brasil é antigo. Schwarcz (1993) apresenta brilhantemente como o conceito “raça” e as pesquisas sobre relações raciais adentraram, se definiram e se reelaboraram no espaço acadêmico (museus etnográficos, institutos históricos e geográficos, bem como em faculdades de direito e de medicina do país) dialogando com a situação social, política, econômica e intelectual vigente. Desse modo percebe-se que, como a própria autora irá afirmar anos depois, “raça é, portanto, um artefato histórico e social, isso sem negar que o mesmo conceito esteja se transformando em princípio condutor da formação de categorias e grupos sociais significativos” (SCHWARCZ, 2006).

Segundo Guimarães (2004) o racismo surge como doutrina científica, na cena política brasileira, quando se avizinhava à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados. A partir dos anos 1930, o campo temático dos estudos das relações raciais no Brasil tem Gilberto Freyre, sua tese de democracia social e racial¹², seus elogios à mestiçagem e ao país racial e culturalmente miscigenado, como alicerce. Foram essas idéias que até os anos de 1960, traduziram “a conotação de um ideal político de convivência igualitária entre brancos e negros” (GUIMARÃES, 2003, p. 102)¹³ e, que ainda hoje, são tidas como verdades no imaginário dos moçambicanos que se deslocam aqui para o Brasil.

Em 1950, uma geração de intelectuais formada pelos estudos da Unesco e na qual podem-se destacar Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e Antônio Sérgio Guimarães analisaram o mito da democracia racial e enfatizaram a desigualdade e a discriminação. Lembrando Guimarães (2003), uma vez morta a democracia política, em 1964, a democracia racial passou a ser encarada como mito, como “um discurso de dominação política, [que] não expressava mais um ideal, nem algo que existisse

¹² Segundo Antônio Sérgio Guimarães (2003), Freyre fala depois em “democracia étnica” para dizer que, no Brasil, apesar de uma estrutura política muito aristocrática desenvolvem-se, no plano das relações raciais, relações democráticas.

¹³ Incluindo também a semana de arte moderna, de 1922, Guimarães demonstra que a partir daqui uma nova idéia de Brasil e de povo brasileiro é perseguida, no qual o índio e o negro foram introduzidos simbolicamente como parte integrante da nação brasileira.

efetivamente [...] seria puramente simbólico, sua outra face seria justamente o preconceito racial e a discriminação sistemática dos negros”. (Guimarães, 2003, p. 102). É esta outra face que os estudantes moçambicanos encaram quando se encontram em solo brasileiro.

Em seu artigo sobre a imigração brasileira no Porto, Machado (2007) constata também na sociedade portuguesa esse discurso nacionalista brasileiro de democracia racial e mestiçagem que, válida como produtor de uma imaginação nacional, encobre uma realidade de intensa discriminação racial.

A situação destes estudantes se caracteriza, pois, por aquela que Oracy Nogueira (1985) denomina de *preconceito racial de marca*: o preconceito em relação à aparência, aos traços físicos do indivíduo, a fisionomia, aos gestos e ao sotaque, confirmado pelas várias histórias anteriormente relatadas pelos estudantes.

Em relação ao sotaque, excluindo-se os episódios que acontecem dentro das salas de aula, nota-se que estas histórias de discriminação levam a um final diferente quando os estudantes abrem a boca. O sotaque é uma marca registrada que os faz diferenciar de qualquer outro preto brasileiro e que atua em favor destes estudantes em situações de discriminação.

A pronúncia diferente chama atenção e muda o comportamento e o olhar dos brasileiros em relação aos estudantes. Muitas vezes, situações em que o atendente da loja do shopping ignora o estudante, ou quando este é confundido com um faxineiro ou outro empregado qualquer nos corredores da própria instituição universitária, revertem-se quando este abre a boca e mostra que não pertence àquele lugar. Esta situação é oposta a que ocorria com os brasileiros no Porto.

Segundo Machado (2003, p.114) o sotaque do imigrante brasileiro em Portugal constituía uma marca forte que remetia, no universo simbólico português, a um sujeito “naturalmente alegre, simpático, malemolente e esperto”, chegando ao ponto de reconstruir a hierarquia racial e servir como sinal diacrítico fundamental para definir a cor.

Na terra da lusofonia “o elemento que caracteriza o brasileiro deve ser sua cor e, independentemente de qual seja, será sempre mestiça” (MACHADO, 2003, p.257). Portanto, o falar brasileiro em Portugal corporifica uma cor física na qual até um sujeito

louro, branco e de olhos claros passa a ser visto como mestiço¹⁴. Dessa maneira, “a fala não é um elemento de horizontalidade e de criação de sentimentos de amizade, mas um elemento de reordenação da ordem imperial que, não podendo ser explicitamente racista, pode ser explicitamente lusófona” (Idem). Logo, quem não quisesse ser classificado como “o brasileiro” ou “o mestiço” tinha que ficar calado, para não ser marcado pela essencialização das imagens estereotipadas da nacionalidade brasileira.

No Brasil, a situação apresenta-se de forma diversa, revelando possibilidades estratégicas diferentes: o mesmo sotaque *moçambicanizado* realçado pelos estudantes em algumas situações discriminatórias é substituído por um sotaque mais abasileirado. Ou porque os estudantes enfrentam circunstâncias nas quais todos à volta são brasileiros (para serem, segundo eles, melhor compreendidos pelo interlocutor), ou porque alguém nota que estes estudantes não pertencem àquele lugar e começam com as já sabidas perguntas sobre “África”.

Quando os moçambicanos se encontravam em menor número, num ambiente em que a maioria das pessoas era brasileira, observei que era comum a pronúncia daqueles tender a ser mais abasileirada. Ao lhes perguntar se eles notavam que estavam a falar com sotaque brasileiro, obtive respostas da natureza que se segue:

Nino: (...) É, as vezes eu falo como brasileiro mesmo, porque quando começo a falar como moz eles dizem que não entendem, que eu falo puxado, e sei lá mais o quê. Pedem para eu repetir as coisas. Ou então, nem prestam atenção ao que eu falo, mesmo sendo coisa séria, só pra dizer “que sotaque engraçado”. Se é pra eles me entenderem, eu falo como brasileiro mesmo.

Outra situação ocorria quando o sotaque diferente chamava a atenção de algum brasileiro. Ao ser questionado de que lugar o estudante era, este por vezes fingia ser do sul ou do nordeste do Brasil, para assim evitar o *exotismo*.

Desta maneira, percebe-se que a língua e o sotaque é, nessas condições, ajustado conforme as situações vivenciadas cotidianamente. Quando se encontram em situações de racismo, os estudantes tendem a socorrer-se do sotaque; mas em situações de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos, tendem a camuflá-lo.

¹⁴ “Estando o mestiço na ordem portuguesa abaixo do branco português e acima dos negros e africanos” (MACHADO, 2003, p.257).

5.2 A busca da *moçambicanidade*

Em todos os momentos festivos, nos quais os estudantes estão juntos, tenta-se buscar, a cada instante, aquele Moçambique deixado para trás a partir do momento em que estes estudantes optaram por vir ao Brasil. As músicas, as danças, as conversas sempre tendem em girar em torno do país, não havendo espaço para se ser outra coisa, senão moçambicano. Uma vez, num sábado a tarde em casa de um moçambicano, quando acontecia mais um dos inúmeros churrascos organizado por estes estudantes, perguntei a Celso, o dono da casa, a razão daquele convívio:

Celso: Nenhum motivo em especial. Estes churrascos ou almoços fazemos sempre que possível. É uma maneira do “people” tar junto, conviver e matar as saudades lá da terra. Quando tamos aqui assim fazemos o nosso ambiente, é como se estivéssemos lá na terra... sentimo-nos em casa mesmo.

Notei que esses churrascos atuam, pois, como um “evento social de significados múltiplos e, numa das dimensões, é um ritual de proteção coletiva, uma válvula de escape” (MACHADO, 2003, p. 140). Percebe-se que são nesses churrascos e convívios que esses estudantes tentam buscar aquele “ambiente” deixados em sua terra natal, além de operar como um lugar onde se esquece, por momentos, a vida cotidiana desses estudantes marcada pelo exotismo e racismo a que estão sujeitos, pelos conflitos e inseguranças de estarem inseridos numa sociedade diferente.

Da mesma maneira que, como bem mostrou Machado (2003), entre os brasileiros no Porto os churrascos eram lugares que os imigrantes recém-chegados descobriam tanto as sistemáticas opressões a que os brasileiros estavam sujeitos, como as formas de desvio e resistência às mesmas situações, entre os moçambicanos aqui no Brasil os churrascos tornam-se, pois, cenários para que aconteçam essas trocas de experiências, se estabeleçam relações sociais entre esses estudantes, seja os que estão cá há mais tempo ou os recém-chegados.

Para Hall (2000) as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da “representação”. Por meio de um discurso, a cultura nacional é construída e passa a influenciar e a organizar tanto as ações quanto as concepções de nós mesmos. Neste autor, “ao produzir sentidos sobre a

nação, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem-se identidades”. (2000: p. 50 – 51. *grifos do autor*). Desta maneira, é por meio desses churrascos, almoços e momentos festivos entre esses estudantes que se faz brotar um sentimento de pertença e de identificação com um só Moçambique.

É em torno desta narrativa de nação, da ênfase nas origens, na continuidade, na tradição¹⁵ e na intemporalidade que, recorrendo a Hall, as identidades nacionais se assentam e passam a representar vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares; representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento. “Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2000. p. 59).

Percebe-se melhor como esta idéia é reelaborada, no mês de Junho no qual frequentemente organiza-se uma semana moçambicana em comemoração do dia da independência de Moçambique. Nesta cerimônia tenta-se passar a todo o momento aspectos típicos da cultura nacional desses estudantes, como se eles quisessem mostrar e dizer à sociedade que os acolhe: “*olha, nós somos assim, isto nos pertence*”.

A “Semana de Moçambique” é planejada com muita antecedência pela Associação dos Estudantes Moçambicanos de Minas Gerais. Esta associação é responsável por montar um projeto para a semana, organizar, procurar patrocinadores e distribuir as tarefas entre o resto dos estudantes que se voluntariam para ajudar. Sempre com o intuito de promover a cultura moçambicana, a semana reserva um dia para palestras e mesas redondas, outro dia para um jantar de gala, com comidas “típicas” de Moçambique e mostras de obras de arte e moda (desfile em trajes moçambicanos e africanos) e uma última noite na qual se dá uma grande festa de encerramento.

A COPASA (Companhia de Água e Saneamento de Minas Gerais), FEAD (Faculdade de Estudos Administrativos), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), PUC-MG (Pontifícia Universidade Católica), CCIABM (Câmara de Comércio, Indústria e Agropecuária Brasil-Moçambique) e a Embaixada de Moçambique são

¹⁵ Tradição esta inventada e entendida como um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual automaticamente, implica continuidade com um passado histórico. HOBBSAWN. (1984).

alguns dos patrocinadores desta comemoração, cedendo auditórios para as palestras e/ou doando algum dinheiro.

As palestras normalmente giram em torno da juventude moçambicana e sua inserção no mercado de trabalho, os desafios do recém-formado, a necessidade do empreendedorismo, entre outros assuntos. Estas palestras são proferidas pelo Cônsul ou pelo Embaixador de Moçambique e mais um convidado - que pode ser algum estudante moçambicano de pós-graduação.

Cabe à associação dos estudantes alugar um salão de festas e contratar serventes, além de distribuir tarefas entre os estudantes, que são também incumbidos de cozinhar, colocar música, organizar o desfile de moda e a apresentação de danças. Os ensaios de dança têm um coreógrafo, estudante moçambicano no Rio de Janeiro, que faz questão de que todos ensaiem disciplinarmente os passos propostos. Durante um mês, às sextas e aos sábados, foram repetidos exaustivamente os passos que viriam a compor a coreografia para uma *marrabenta* de Xidiminguana – um dos maiores ícones da música popular moçambicana.

Com a bandeira nacional gigante no lugar mais visível do salão, e depois de cantar o hino nacional, os estudantes desfilam em trajes típicos (túnicas nos homens e *capulanas* para as mulheres) e fazem as apresentações de *marrabenta* e do *pandza*, danças típicas do sul de Moçambique que vêm ganhando certos traços de modernidade com as novas bandas musicais urbanas. Estas danças são vistas e tomadas como um símbolo cultural e uma referência identitária forte.

Contando com a presença do Cônsul de Moçambique em Minas Gerais, um representante da Embaixada de Moçambique, que fica em Brasília, representantes da Câmara de Comércio, Indústria e Agropecuária Brasil-Moçambique (CCIABM), empresários, patrocinadores, comunidade acadêmica moçambicana, além de convidados brasileiros ou de outras nacionalidades – africanas em particular -, as pessoas também podem se deliciar com *caril de amendoim com frango* e *xima* (farinha de milho cozida); ou *frango à zambeziana*, que são os pratos moçambicanos que puderam ser feitos devido à facilidade do preparo e dos ingredientes. Além destes pratos também se faz arroz, feijoada, batata frita e frango assado, que os próprios estudantes cozinham.

Depois das apresentações, a música que predomina na festa é moçambicana, ou africana no geral, como a kizomba, o semba e o kuduro (de Angola), o funana (de Cabo Verde), a dzukuta e o pandza (de Moçambique) ou então o axé ou funk carioca. Regista-

se uma grande presença de angolanos, são-tomenses, guinenses e todos aqueles estudantes que normalmente iam aos churrascos. Também marcam presença brasileiros que ao longo da noite vão tentando imitar os passos de dança dos moçambicanos. Entre os brasileiros é possível reparar em Roberto, tipicamente vestido com a sua túnica, comprada originalmente em solo moçambicano.

As festas de independência de São Tomé e Príncipe (em 12 de Julho) e da Guiné- Bissau (24 de Setembro), que também pude presenciar, seguiam pois o mesmo esquema, variando nas comidas servidas e, claro, na bandeira pendurada e no hino nacional cantado antes de se iniciar a festa. Pode-se também observar o mesmo ato performativo durante a comemoração do dia da África, celebrado no dia 25 de Maio¹⁶.

Pois bem, estes eventos de consagração extrema de nacionalidade remetem a idéia que Peirano tem de ritual, isto é “um sistema cultural de comunicação simbólica” (PEIRANO, 2003, p.11). Mariza Peirano evita uma definição rígida e absoluta do termo ritual, ao explicar que não sendo este algo fossilizado, imutável e definido é o pesquisador que se responsabiliza por desenvolver a capacidade de apreender o que os “nativos” indicam como único, excepcional, crítico e diferente através de ações performativas. Estas ações performativas, continua Peirano, podem ser vistas sobre o sentido de se fazer alguma coisa como um ato convencional, dos participantes experimentarem intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação e, finalmente, no sentido de valores serem inferidos e criados pelos atores durante a performance.

Ora bem, destarte, “práticas culturais” como o vestuário, a música, os penteados, a língua, a culinária e certas regras de conduta, usadas como meio de comunicação, são utilizados por estes estudantes moçambicanos como sinais e emblemas de diferenças (e diferenciadoras), o que determina a pertença e/ou a não-pertença ao grupo; escolhem-se características que somente os próprios atores sociais consideram significantes - com objetivos de interação - para categorizar a si mesmos e os outros, assim se estabelecendo e mantendo-se uma “fronteira” social e/ou simbólica (BARTH, 1969).

¹⁶ Como bem lembra Elerry Mourão (2006) esta é a ocasião que se percebe uma maior união entre os estudantes de diversas nacionalidades africanas. Concordando com a autora é nesta ocasião que se “uma identificação ampliada, que remete a um sentido de *irmandade* em relação à *África como um todo*” (Elerry Mourão, 2006, p. 15)

5.3 “ReConstruindo” Moçambique no Brasil

Tânia: Ser moçambicana no Brasil é totalmente diferente de ser uma moçambicana em Moçambique. Aqui somos e queremos ser mais moçambicanos do que nunca. O sentimento de pertença fica mais forte. E mesmo se não quiséssemos, estão sempre a lembrar-nos que este não é nosso lugar, que não fazemos parte daqui, que não pertencemos a isto. Seja quando abrimos a boca, seja no nosso cotidiano...

O depoimento acima é a fala de uma moçambicana durante uma conversa sobre quais daqueles estudantes um dia participou, ou participaria, de comemorações alusivas ao dia da independência lá em Moçambique. Grande número de estudantes admitiu que se estivessem do outro lado, não participariam de nenhum tipo de eventos, nem se preocuparia em desfilar de *capulana* e lenço na cabeça. É bom lembrar que no seu cotidiano eles nem usam esses trajes; mas aqui o sentimento de pertença fica mais forte, pois a busca de identidades (constituídas na relação do encadeamento e o entrecruzamento entre identificação e diferenciação) “cria-lhes a necessidade de uma identidade, sem a qual como movimentar-se no espaço social que o contato interétnico engendra?” (OLIVEIRA, 1980, p.244).

Nota-se, por meio da “Semana de Moçambique”, que se tenta construir uma *moçambicanidade* em território brasileiro. Pode-se fazer um paralelo com o contexto simbólico no qual se inserem e são inseridos os imigrantes brasileiros em Portugal. Lá, “fundada na leitura portuguesa do lusotropicalismo¹⁷, o brasileiro é visto como mestiço e com determinadas características específicas: deve ser alegre, simpático e expansivo” (MACHADO, 2003, p.130). A fim de conseguir obter postos de trabalho, os brasileiros procuram se aproximar dessa representação ideal e desse modelo simbólico por meio de

¹⁷ Diferentemente da leitura brasileira que teve origem em FREYRE (1933) - inicialmente definindo o “mundo português” (Portugal, Brasil, África e Índia Portuguesa, Madeira, os Açores e Cabo Verde) numa unidade de sentimento e cultura e, posteriormente, em termos de civilização lusotropical, isto é, uma cultura e ordens sociais comuns, às quais homens e grupos de origem étnica e procedências culturais diversas se confluem (MACAGNO, 2002) - o lusotropicalismo português opera como uma nova legitimação do império que não admite concessões às culturas não-brancas, ou seja, não disfarça a hierarquia colonial. Relançando, assim, a idéia do Brasil (terra de mestiços) como grande produto da riqueza da alma portuguesa, mas reestruturando seu lugar no atual imaginário português onde sua posição é inferior na hierarquia das alteridades (MACHADO, 2004).

práticas cotidianas e rituais que aproximam algumas pessoas e afastam outras do modelo ideal, ao que o autor chama de *jogo da centralidade*.

O que determina o tipo de trabalho que os brasileiros vão executar no mercado português é o resultado da sua inserção nas representações hierarquizadoras do Estado português, aliada aos discursos de identidade defendidos pelo Estado brasileiro, a *identidade para o mercado*. E, o fato da maioria desses imigrantes submeter-se a essas representações hierarquizadoras e utilizá-las como motor da auto-identificação como *brasileiro*, permite que Machado (2003, p.131) afirme que “a linguagem simbólica que une os diferentes [imigrantes] brasileiros é uma identidade esvaziada por símbolos rasos que já estavam em Portugal, mas que também vêm do Brasil”.

No caso dos moçambicanos em Belo Horizonte, o se sentir moçambicano ganha uma maior dimensão em terras estrangeiras pois, querendo ou não, há uma necessidade de se reafirmarem a todo o instante. Há pois uma busca e reinvencção daquelas “tradições” que os tornam nacionalmente únicos: dançar *marrabenta*, amarrar uma *capulana* e comer *xima* com *caril de amendoim* são características específicas que os tornam diferentes, que os tornam moçambicanos. Carneiro da Cunha (1987, p.101) parece explicar melhor esta situação: extraída da tradição, a construção da identidade étnica se dá por “elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam o fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou”. Dessa maneira, retirados de seu contexto original, essas práticas culturais adquirem, então, significações que transbordam das iniciais.

Esteriotipados pela sua cor ou exotizados pela sua etnia no seu cotidiano, estes estudantes fazem dos momentos festivos o cenário ideal para, recorrendo aquelas práticas e signos considerados por eles tradicionalmente moçambicanos, exaltar uma identidade nacional que além de torná-los unidos, os diferencia dos demais estudantes africanos e brasileiros.

6. A FABRICAÇÃO DO PARENTESCO

Outro ponto percebido durante a etnografia se refere ao assunto família e parentesco, que se mostra como chave em muitas das conversas destes estudantes, chegando mesmo a ditar seus relacionamentos amorosos. Ainda que a maioria dos estudantes não se conhecesse em sua terra natal e tivesse entrado em contato somente aqui, certos códigos de conduta faziam com que todos se sentissem parte de uma mesma e grande “família”.

Grande parte destes estudantes teve o pai ou a mãe formado, anteriormente, em alguma instituição brasileira; fora isso, alguns vieram acompanhados pelo(a) irmão/irmã ou primo(a) consangüíneo que, também, estão nesse processo de estudante convênio. Outros, formaram sua própria família consangüínea cá: três estudantes ficaram grávidas durante sua permanência em Belo Horizonte, o que fez com que seus cursos atrasassem por um ano. Seus companheiros eram igualmente estudantes moçambicanos, sendo que um deles estudava na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, elas decidiram deixar os filhos sob os cuidados dos seus familiares em Moçambique, porque cá elas não teriam condições de os criar, além de terem que conciliar isso com os estudos. As saudades e a ansiedade em regressar, para reencontrar suas famílias, são os pontos-chaves que estas estudantes ditam em seus depoimentos.

Tem-se o exemplo de Rita:

Rita: Morro de saudades do meu filho. Preferi deixar lá sob os cuidados da minha mãe, porque aqui... sem condições, né? Mal consigo me aguentar, quanto mais uma criança. Muita correria aqui, a faculdade para conciliar, não é fácil. Mas falo com ele pelo telefone e ele me pede camiseta do Ben 10, tênis do Ben 10, tudo do Ben 10. Cada vez que eu volto pra lá [Moçambique], ele tá cada vez maior... e cheio de mimos, minha mãe mima muito ele... Aliás, minha mãe é praticamente a mãe dele, né? Ai, morro de saudades do meu filho... Mas já falta pouco tempo pra eu me formar e voltar de vez, já falta pouco...

Concordando com Rezende (2000), às vezes os amigos tornam-se tão próximos que são vistos como “irmãos”. É comum os estudantes chamarem-se uns aos outros por “meu irmão”, “minha irmã”, “meu mano”, “minha mana”, ou mesmo “mãe”, apesar de

não existir nenhuma relação consanguínea entre eles e, no final, são nesses “irmãos” em que eles se apoiam nos momentos de alegria e de penúria.

Normalmente, a mulher mais velha (que pode não passar dos 25 anos) no espaço onde estávamos, ou a que tinha mais influência sobre os estudantes, é carinhosamente chamada de *mãe* pelos restantes estudantes, cabendo a ela a responsabilidade de organizar alguma atividade cultural que diga respeito a Moçambique, organizar encontros e palestras, cozinhar ou ajudar os recém-chegados nos assuntos referentes à documentação ou alojamento.

Desse ponto de vista, entre os estudantes moçambicanos em BH, o parentesco não é produzido somente sob a ordem do biológico, mas também pelas categorias nativas de relações que definem quem é parente ou não, quem é igual ou não: o modo de falar, a maneira de preparar a comida, a postura, a atitude, a proximidade. Percebe-se, entre estes estudantes semelhanças em relação a noção de família e parentesco que Comerford observou entre os moradores das localidades camponesas e sindicatos rurais de Minas Gerais, isto é: “um campo de relações que a princípio são de confiança, ajuda mútua, respeito, tolerância, intimidade, bem como, em diferentes graus de compartilhamento de características e também de responsabilidades.” (COMERFORD, 2003, p.34)

Desse ponto de vista, pode-se olhar para as relações de parentesco estabelecidas por estes estudantes sob dois aspectos: por um lado pelo recorte de Schneider (1968) e por outro, pelo de Carsten (2004).

Schneider ao analisar a sociedade norte-americana seguindo um viés cultural (que o autor entende como a compreensão dos signos ou símbolos, pois se trata de uma linguagem), compreende que as relações de parentesco americano são definidas por circunstâncias e situações carimbadas ou pelo sangue ou pela lei ou, ainda, por ambos (o que implica em códigos de conduta). O sistema de parentesco norte-americano ao se estabelecer por via dos parentes de consanguinidade (pai, mãe, irmão), continua o autor, possui uma substância comum que o define: “a concepção biológica do genético e sua concepção simbólica de compartilhamento desse material genético” (SCHNEIDER, 1968). Aparecendo como uma categoria consensual na qual a relação sexual acaba tornando-se uma lei para definir o parentesco por sangue, reafirmando assim a condição de parentesco de um casal, o sistema de lei desta sociedade legaliza a sexualidade de um casal para a reprodução e perpetuação das relações de parentesco.

Assim correlacionados, a relação de parentesco ocorre quando a pessoa atribui o valor do amor em relação ao outro e, desse modo, traz o código de conduta firmado pela lei e a substância carimbada pelo sangue, sêmen ou leite materno. Um exemplo deste aspecto são os estudantes que se casaram (veremos adiante um caso destes) ou que moravam com seus companheiros - a lei - e que depois tiveram seus filhos - substância - formando sua própria família. Sem esquecer daqueles que vieram de Moçambique com os seus irmãos ou primos.

A relação código de conduta e substância, lei e sangue, remete-nos à relação entre homem e natureza. Schneider mostra-nos, neste caso, que a biologia aqui serve para formular uma teoria de parentesco na qual a ordem cultural é naturalizada.

Mas, como observado no início deste capítulo, as relações familiares destes estudantes e o seu entendimento de parentesco para com seus conterrâneos vão além do compartilhamento de substância e ultrapassa os limites concebidos pela lei. Para pensar esses laços de parentesco que vão além do ponto de vista clássico, “biogenético”, recorremos a Carsten (2004) e seu conceito de *relatedness*, no qual a dicotomia entre o “biológico” e o “social” é posta de lado, abrindo um leque para novos tipos de análises que levam a pensar em parentesco onde as pessoas criam similaridades ou diferenças entre si próprios e os outros.

Machado (2009) lembra-nos que Carsten se assenta na idéia de *Casa* (entendida aqui como um universo de construção de relações fundamentais da vida de pessoas no mundo inteiro) e das relações que se constroem no seu interior, para percebermos o modo como o parentesco é “feito”, em oposição a um parentesco “dado”.

Durante a etnografia foi observado que as casas dos estudantes eram lugares de convívio, por excelência. Todos os estudantes que moravam no Centro estavam espacialmente próximos e, não raro, frequentavam a casa uns dos outros diariamente.

Além da casa onde estava hospedada, vivam no edifício ao lado, mais três moçambicanas: Sandra, Tânia e Duda. No edifício do Hélio, o recém papai que conheci na minha primeira noite em BH, além dele e de Lila, moravam no apartamento ao lado Denise, a Carla e a Silvia. Em frente a eles, no edifício maleta, ainda haviam dois apartamentos ocupados por estudantes moçambicanos. Num morava o Nino e o Mauro, e no outro Célia, Nina, Zilda. Assim viviam os moçambicanos no centro: morando geralmente em três, num apartamento pequeno, com apenas um quarto, um banheiro, uma cozinha e uma sala. Hoje em casa de um, amanhã em casa de outro, assim eles se

juntavam tanto para um bate-papo trivial, para jogar cartas, assistir filmes ou também para fazerem almoços, churrascos e festas.

O primeiro grupo de quinze estudantes que chegou a Belo Horizonte morou, num primeiro momento, junto em uma casa de oito quartos situada no bairro da Savassi (que ficava próximo a faculdade) e assim permaneceu por seis meses, até optarem por morar com menos pessoas e com quem tinham mais afinidades. Era comum quatro, cinco pessoas, passarem um final de semana inteiro em casa de outro estudante. Quando estavam todos reunidos, juntava-se dinheiro (a chamada “vaquinha”) seja para comprar comida ou bebida, e as tarefas domésticas eram divididas entre eles: enquanto um lavava a loiça, o outro varria e tirava o lixo e um outro cozinhava. Excetuando a cozinha, na qual as mulheres são mais solicitadas para preparar as comidas (ainda que alguns homens, poucos, cozinhassem), as outras tarefas não tinham distinção de gênero.

Num desses finais de semana, eu e as meninas que moravam comigo, além de outras moçambicanas que moravam no apartamento ao lado do nosso, fomos a casa do Celso, no bairro Coração Eucarístico. Foi uma noite de sábado agitado, com muita música e bebida e, pelo cansaço, todos dormimos lá. No domingo seguinte, depois que acordamos, enquanto a Miriam preparava o almoço, decidiu-se baixar um filme para vermos. Enquanto todos estavam atentos ao filme, Miriam disparou: *“Que lindo todos nós aqui juntos, num domingo à tarde, vendo filmes. Parecemos aqueles irmãos lá da terra, que quando os pais viajam, deixando-os sozinhos, eles tem que cuidar uns dos outros”*.

Lembrando Carsten, *“(…) the house brings together spatial representations, everyday living, meals, cooking, and the sharing of resources with the often intimate relations of those who inhabit this shared space”* (CARSTEN, 2004, p.35). É em volta dessa *Casa* que os imigrantes mais recentes ficam nas primeiras noites até alugar o seu apartamento. Nessa *Casa* eles mantêm contato com os estudantes mais antigos e recebem informações sobre como regularizar a situação na Polícia Federal e na faculdade, como chegar a um determinado lugar, que ônibus pegar, enfim, como se virar na cidade (afinal, há ausência de um apoio oficial que faça isso). É no interior dessa *Casa* – que pode ser a casa de qualquer um dos estudantes, lembrando que eles circulam abertamente na casa uns dos outros - que estes estudantes, dividem suas intimidades, compartilham seus segredos, expõem suas alegrias e se sentem confortáveis.

Isto é, fazer parte da *Casa*, “o habitar com outros, insere os sujeitos em sistemas de trocas que *relacionam* e/ou criam parentes” (MACHADO, 2009, p.175). O habitar com o outro que, no fundo, é igual a ele, *relaciona* e cria laços de parentesco nestes estudantes a ponto de produzir neles a idéia de incesto, caso se relacionem sexualmente entre si. Procuram, então, parceiros de outras nacionalidades (angolanos, guineses, cabo-verdianos), ou mesmo moçambicanos, mas que estudam em outra cidade, isto é, que estão fora desse centro de relações.

6.1. A comida

Percebe-se entre estes estudantes o mesmo que Janet Carsten (1995, *passim*) observou entre Malaios de Langkawi que tinham, além da convivência através da vida conjunta na casa, a alimentação como componente vital e importante para tecer suas relações sociais e criar laços de parentesco:

“Malays on the island of Langkawi become complete persons, that is, kin, through living and consuming together in houses. Identity and substance are mutable and fluid. These perceptions suggest a processual view of kinship and personhood. They challenge anthropological definitions of kinship, which focus on procreation and which assume a universal division between the “biological” and the “social” (CARSTEN, J. 1995, *loc. Cit.*).

Um dos aspectos que sempre me traz boas recordações de Moçambique são, indubitavelmente, os almoços de domingo em casa da minha avó. Ela prepara um arroz de coco e caril de amendoim com frango ou uma boa Matapa (uma receita moçambicana preparada com folhas de mandioca e amendoim) que me fazem repetir o prato mais de duas vezes. Passamos assim o dia, com a família toda reunida, conversando e rindo muito. Em Dezembro, dias antes de viajar à Moçambique, para as férias de final do ano, a primeira coisa que digo a minha mãe é que ao chegar quero como almoço a comida tal, normalmente algo que fico sem comer durante o ano todo aqui no Brasil, e que só é possível comer lá. Quando estou aqui no Brasil, o cheiro e o sabor de alguns alimentos, ou o simples estar na cozinha a preparar os ingredientes são memórias que nos fazem viajar e, de uma maneira, nos deixam ligados àquele lugar deixado para trás.

Entre estes estudantes não é diferente, e a comida além de sempre trazer lembranças e remeter ao seu país, apresenta-se como um dos pilares para que as redes de sociabilidade e de amizade se estabeleçam, bem como para que haja produção do parentesco. Como Sidney Mintz (2001) assinalou em *Comida e Antropologia: uma breve revisão*, “o comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social”.

Foi possível notar no trabalho de campo que os momentos de sociabilidade desses estudantes, sejam festas, almoços ou churrascos, envolviam sempre comida. No evento de maior visibilidade, “a semana de Moçambique”, as comidas consideradas exclusivamente moçambicanas assumiam um papel central como marca identitária e os pratos “típicos” como caril de amendoim, arroz de coco ou xima (massa feita com fubá), transformavam-se em marcadores étnicos.

É comum, quando os estudantes retornam das férias passadas em Moçambique, que tragam em sua bagagem temperos variados, chás, potes de maionese ou ketchup (produzidos na África do Sul), castanhas e folhas de mandioca ou abóbora que preparadas com amendoim e coco viram deliciosos pratos e nos trazem a sensação de estar em casa. E, quando eles mesmos não trazem esses produtos, pedem a quem está a vir que tragam.

Uma vez, quando eu e mais outros moçambicanos estávamos em casa de Leandro, um moçambicano, jogando conversa fora numa tarde de sábado, ouvi-o a falar ao telefone com a sua irmã que chegaria em poucas semanas à Belo Horizonte para passar uns dias de férias. Ele ditava uma lista do que ela teria que trazer: “*castanhas, maionese, chips, chamussas, rissóis e piri-piri [pimenta picante], não esquece o piri-piri.*” Perguntei-o então que lista era aquela e ele respondeu-me:

Leandro: São cenas lá da terra que ela tem que trazer. As coisas aqui não tem o mesmo sabor, já comeste estas castanhas de cá? Não são a mesma coisa, parece que falta qualquer coisa. E estes piri-piris, nem picam nada...aqueles nossos é que animam. A maionese então, o gosto daqui não chegam nem perto da de lá, epah e já que ela vem...é bom trazer estas coisas pra matarmos um pouco as saudades.”

Ainda que morando longe, aquele “sabor” da terra ainda permanece e sente-se a necessidade de renová-lo sempre que possível. Assim, quando estão juntos, cozinha-se

aquela feijoada moçambicana, aquela xima ou aquele caril de amendoim com frango. Quando sozinhos, cada um na sua casa, aquele tempero que a mãe ou a avó usa torna-se indispensável e aquele modo, aprendido na terra, de preparar os ingredientes é repetido.

Em relação a este ponto, pode-se fazer um paralelo com o estudo de Rosani Rigamonte (2001) sobre as trocas existentes entre sertão e metrópole, no qual a distância entre esses dois polos vai além das saudades, das lembranças e da música e é preenchida por um intenso fluxo de objetos, mercadorias, cartas e dinheiro. Magnani (2003), referindo-se ao trabalho de Rigamonte, alerta que:

“Diferentemente do que ocorria nos primeiros tempos do processo migratório, que significava uma ruptura entre o pólo de expulsão e os centros urbanos de chegada, com separação entre membros da família, agora esses pólos estão em contato permanente, são simultâneos e de suas trocas surgem permanentemente novos arranjos, estratégias e soluções”.(MAGNANI, 2003,p. 92)

Pois bem, a distância entre Moçambique e Brasil para estes estudantes tem a comida e esses produtos alimentares que carregam em sua bagagem (literalmente) como um ponto principal que deixa os estudantes em um contato permanente com sua terra.

Um dia enquanto caminhava em direção à um restaurante self-service para almoçar com uma estudante moçambicana, ela mostrou seu desejo de comer *frango assado* da feira (um lugar que raramente fecha em Maputo, famoso por comercializar seus frangos). *Frango assado? Algo que se podia comer em qualquer lugar pela cidade.* Pensei. *Tem frango assado aqui também, é só comer.* Disse. *Não.* Respondeu-me ela. *Eu quero aquele. Estes aqui não tem sabor pah...os brazucas parece que economizam no tempero. Não sabem temperar, põem pouco tempero, entendes? Não é a mesma coisa.* Numa outra situação um dos estudantes contava a mim e a um outro moçambicano, que no dia anterior tinha ido almoçar na casa de umas estudantes cabo-verdianas. *“Fui lá comer cachupa (uma prato de Cabo-Verde). Aí o outro moçambicano que estava entre nós respondeu: Já provei cachupa, não gostei muito. Não gostaste? Então não comeste uma cachupa feita por um bom cabo-verdiano, alguém que sabe fazer mesmo. Hey...anima maningue aquela comida.*

Nota-se que os diferentes pratos oriundos dos países dos estudantes africanos estabelecidos em BH, passam então a identificar as diversas etnias do universo desses estudantes: a cachupa, é do cabo-verdiano; quando se vai a uma festa guinense já de

antemão espera-se comer a Cafriela, e o caril de amendoim, por exemplo, é dos moçambicanos.

Claro que novos hábitos e costumes alimentares também vão sendo adquiridos ao longo da permanência dos moçambicanos cá. Lembro-me que em Moçambique eu não tinha o costume de comer arroz com feijão todos os dias. E isso continua não sendo algo rotineiro lá. Mas agora, se fico dois dias sem comer arroz com feijão sinto que algo está a faltar. Nos restaurantes, pode haver uma variedade de pratos mas esse torna-se indispensável.

Na casa onde fiquei hospedada também eram poucas as vezes que o arroz e feijão não faziam parte do cardápio. As meninas que estavam cá há cinco anos, também admitiram que tinham adquirido esse hábito aqui. Ainda que esse costume fosse evitado por quem acabava de chegar ou estava cá há um ano, por exemplo. Marília outro dia contava-me que ainda não tinha se acostumado a comer arroz e feijão todos os dias. *Ah...farta. Todos os dias? Não...Vamos variar um pouquinho. Comer um frango com natas, um guisado de carne, cozido...não gosto de comer a mesma coisa todos os dias.*

Além da comida, o ato de comer junto torna-se um componente importante para a criação de íntimas relações sociais e para se reforçar os laços e a coesão do grupo. Pratos como o caril de amendoim, a feijoada ou a cachupa não são feitos para se comer sozinho. Preparados sempre em grandes panelas são feitos para que um grande número de pessoas possa comer, numa tarde ou pela noite adentro, durante o tempo em que as pessoas podem estar reunidas, conversando, dançando e se relacionando.

O próprio modo de preparo desses pratos citados envolve sempre um número considerável de pessoas e demanda tempo. Em Moçambique, o caril de amendoim é feito com grãos de amendoim, geralmente pilado num pilão grande, de mais ou menos 70 cm, por duas ou mais mulheres que, cada uma com os seus paus de pilões, vão triturando e moendo o amendoim até que ele vire um pó bem fininho. Após ser pilado o amendoim, adicionado com água, passa por um coador no qual se extrai o leite, jogando o que resta fora. Esse leite de amendoim extraído é então fervido durante cerca de três (3) horas na panela, até ganhar consistência e, acrescentando-se daí, pedaços de frango. Lembrando que nos primeiros trinta minutos, é necessário mexer continuamente a panela com uma concha, evitando assim que o líquido derrame durante a fervura. Observa-se, então, que esta é uma receita que leva muito tempo até ficar pronta.

Deste lado o amendoim é triturado pelo liquidificador, o que já reduz o tempo de preparo deste prato. Apesar disso, nunca há uma só estudante vigiando a panela, por exemplo, e mexendo o líquido para que ele não derrame. Durante o preparo desse prato percebe-se que três/quatro estudantes permanecem na cozinha. Se não estão também cozinhando (picando a cebola, cortando o frango, descascando o alho), estão apenas conversando, contando seu cotidiano, se sociabilizando. Até a hora em que a refeição é servida e todos os estudantes presentes são chamados e, juntos, comem.

Lembro-me que uma vez encontrei Leandro, após muito tempo sem vê-lo. Reparei então que ele estava relativamente mais magro em relação a última vez. Fiz aquela observação a ele, que me respondeu:

Leandro: Pois é, acho que emagreci um pouco sim. Também ultimamente nunca ninguém pára em casa e quando estou sozinho não como. Não tenho vontade de cozinhar para mim, é horrível comer sozinho. Aí então, como só sanduíches na rua, e em casa quando nenhum dos meninos tá como macarrão instantâneo.

As relações sociais destes estudantes são extendidas, pois, por meio da comida e do compartilhamento de refeições. O comer envolve a todos e cria aproximações ou distanciamentos entre as pessoas. Outro exemplo: num sábado a noite, cerca de dez (10) estudantes angolanos foram lá para casa onde eu me encontrava hospedada, com o intuito de experimentar um outro prato que as meninas tinham feito e que se come bastante em Moçambique: o muthluthlu com xima. Enquanto comiam, os angolanos repetiam “*mas esta vossa xima é o nosso funge. Nós também comemos isto em Angola, mas chamamos funge*”. Era de se notar o brilho nos olhos e a expressão de animação e felicidade no rosto dos estudantes angolanos, ao sentirem aquele gosto familiar em cada garfada.

Uma das aproximações que acontecem, fora as que se dão entre os próprios moçambicanos e entre os moçambicanos e os outros africanos, são como anteriormente visto, as relacionadas entre brasileiros e moçambicanos.

Júlio, o brasileiro que mais frequentava as redes de sociabilidade dos estudantes, levou um dia para a casa do moçambicano Cláudio, uma cabeça de vaca que seu irmão, trabalhador num açougue, conseguira. Fez isso depois de saber que em Moçambique comia-se cabeça de vaca em água e sal acompanhado de xima, além de ser um ótimo recurso para curar a ressaca. *Nunca comi esse trem. Quero ver se é bom mesmo, como*

vocês falam. Dizia Júlio, ao mesmo tempo em que se juntava ao Cláudio (o estudante que sabia preparar a receita) para aprender como se fazia.

6.2. Relações afetivas

Essa construção de parentesco entre os estudantes chega a ditar seus relacionamentos amorosos. Durante a etnografia, percebi que casais preferencias eram formados entre os estudantes.

As estudantes moçambicanas relacionavam-se mais com homens africanos, de outra nacionalidade, enquanto os homens moçambicanos se envolviam mais com brasileiras. Seis estudantes tinham um relacionamento sério com angolanos (sendo que alguns moravam em outra cidade). Numa tarde enquanto almoçava com três moçambicanas, que moravam numa república no edifício ao lado daquele que estava alojada, uma delas, Tânia, falava das saudades que sentia do namorado. Ele era angolano, tinha vindo também por um programa-convênio divulgado em seu país e estudava no Rio de Janeiro. Conheceram-se em uma “festa africana” naquela cidade carioca por via de um amigo em comum. Assim, começaram a namorar e se viam um fim de semana sim, outro não, indo ela as vezes ao Rio e outras vezes indo ele à BH.

Reparei que mais cinco estudantes tinham relacionamentos sérios com outros estudantes angolanos. Um estava em Brasília, outro também no Rio de Janeiro, um havia estudado em Ouro Preto e já regressara para Angola (estando noivo da moçambicana e com a data de casamento já marcada) e o outro namorado morava ali mesmo em BH. Todos os casais tinham se conhecido através de redes comuns de amizade e durante os eventos de sociabilidade organizado entre os estudantes africanos na capital mineira ou na cidade carioca, isto é, em festas ou churrascos.

Perguntei pela razão de todas elas não namorarem moçambicanos e se relacionarem com angolanos. A resposta obtida foi a de que por viverem muito intensa e intimamente com os moçambicanos, estes eram vistos como irmãos e ter algum tipo de relacionamento mais íntimo com eles parecia ser algo incestuoso.

Eis o depoimento de uma estudante:

Tânia: os moçambicanos são nossos irmãos. Dormimos todos juntos, estamos sempre juntos, a relação é de irmãos, irmandade, percebes? Seria uma coisa incestuosa se namorássemos e tivéssemos uma relação mais íntima.

Ao falar isto, as outras meninas confirmaram, acenando positivamente a cabeça. Elas até confessaram que já tiveram algum *affair* com alguns dos meninos, mas foi bem no início, antes de se conhecerem e de conviverem intensamente. Excetuando Hélio e Lila (o casal que acabara de ganhar uma filha) e a Célia – que também teve um filho e cujo namorado igualmente moçambicano já terminara o curso e estava de regresso ao país - não havia nenhum outro casal em que ambos fossem moçambicanos, morassem e estudassem em Belo Horizonte.

Mas por que angolanos e não guinenses, por exemplo? Por que o relacionamento com brasileiros era evitado? Uma série de qualidades foram sendo me expostas sobre o que as deixava atraídas por uns e não por outros. Vê-se o exemplo da fala de uma estudante:

Kátia: Os angolanos são carinhosos, achamos bonitas, sabem como nos encantar e nos deixar apaixonadas. Dançam bem, são bons de cama...(risos), cheios da grana e não são mão-de-vaca. Os guinenses têm uns hábitos estranhos... não.

Ao analisarmos além das características que o depoimento da Kátia nos mostra, do homem angolano ideal e especial, percebe-se que talvez as aproximações histórico-culturais entre Moçambique e Angola aproximem mais os nativos desses países do que em relação aos guinenses, por exemplo, distante culturalmente, e que, pelo depoimento acima, são vistos com hábitos diferentes. As estudantes moçambicanas procuram alguém, no mínimo, com um modo de viver semelhante (ou próximo) ao seu, mas que não tenham a mesma conectividade que tem com seus conterrâneos. Se não podem ser os moçambicanos, que são seus irmãos, são os angolanos.

Uma característica dos guinenses que incomodava bastante as moçambicanas, e também os estudantes moçambicanos em geral, era o hábito de falar mais em *crioulo* do que em português, principalmente quando se encontravam entre eles no mesmo ambiente. Como o *crioulo* não é compreensível para os moçambicanos, também parece atuar como um fator que faz com que os relacionamentos sejam, pois, evitados. Já os

angolanos se comunicavam mais em português do que em suas línguas maternas, o mesmo acontecendo com os moçambicanos.

Em relação a esse ponto, lembro-me de um episódio em que após uma festa, eu e mais uma moçambicana pegamos carona com um guinense que também morava no centro da cidade. Além de nós, no carro ainda se encontravam mais duas moças guinenses. Durante toda a viagem do local da festa até a nossa casa, que durou cerca de trinta minutos, senti-me totalmente ignorada naquele veículo. Os estudantes guinenses, comunicando-se em *crioulo* conversavam e riam sem parar, chegando ao ponto de me deixar incomodada, com raiva e desejando que chegassemos logo ao nosso destino. Tanto eu como a estudante ao meu lado não entendíamos palavra nenhuma do que era dito, não sabíamos do que se riam, e eles imersos naquele diálogo tão animado esquecendo-se completamente da nossa presença. Foi, pois, uma situação muito desconfortável.

No tocante aos relacionamentos entre moçambicanas e brasileiros, a falta de seriedade e compromisso, aliada à forte representação em volta da sexualidade da mulher negra africana, conforme referido anteriormente, faz com que este tipo de relacionamento seja evitado. É o que se pode auferir pela fala de uma das estudantes, quando perguntada o que achava dos brasileiros e de se relacionar com eles.

Elisa: Os homens brasileiros não são sérios. Só querem saber de ficar, beijar e fazer sexo por uma noite e tchau, até nunca mais. Onde já se viu isso? Eu não sou como as brazucas que saem aí beijando e transando a torto e a direito, hoje com um, amanhã com outro, sem se importar. Não que eu condene, só que eu não sou assim. Para mim o envolvimento tem de ser mais sério. Isso de ficar...não é comigo.

Claro que não se pode tomar esse depoimento de Elisa como consenso entre todas as estudantes. Muitas moçambicanas admitiram já ter ficado com brasileiros. Mas, na hora de procurar um relacionamento mais sério e duradouro são nos estudantes de nacionalidade africana com quem, dizem as estudantes, elas mais se identificam; no qual há mais coisas em comum a compartilhar, e menos situações que possam se sentir discriminadas ou exotizadas.

Quanto aos moçambicanos, observei que, em sua maioria, ao contrário das moçambicanas, namoravam brasileiras. Um estudante namorou uma brasileira por três

anos e juntos, tiveram uma filha. Outro caso é de um estudante que no período em que cheguei a BH, namorava e estava noivo de uma moça brasileira. Ele chegou até a casar durante a minha etnografia e, atualmente, também já é pai. Com o seu curso de engenharia concluído, conseguiu arranjar um emprego, mudar-se para uma casa onde atualmente mora com a sua família e não pretende voltar à Moçambique. Não definitivamente. Apenas dois estudantes tinham namoradas moçambicanas, porém estudavam em outras cidades, vendo-se nos fins de semana prolongados e durante as férias.

Uma vez, lancei a observação de que os homens moçambicanos ficavam mais com brasileiras (ao contrário de suas conterrâneas que ficavam pouco com brasileiros) a um estudante moçambicano e ele, ao comentar tal afirmação, considerou as brasileiras mais “fáceis e diretas” enquanto suas “irmãs” moçambicanas são mais “enroladas e mimadas”.

Mauro: As brasileiras sabem o que querem. Se elas estão a fim de você, elas falam na tua cara. É pegar ou largar. Não ficam enrolando e se fazendo como estas nossas irmãs [falando das moçambicanas]. Estas moçambicanas fazem-se de muito difícil, são mimadas, tens que paquerar uma, duas, mil vezes até conseguires um beijo. Por isso não se dão muito com os brasileiros. Já disse a elas que têm que parar de enrolar e começarem a ser objetivas como as e os brazucas.

Além disto, percebe-se uma forte representação em volta da sexualidade da mulher brasileira que contribui para que estes relacionamentos amorosos fluam mais frequentemente entre eles, do que entre elas:

Helton: Nós, quando estamos em Moçambique, já temos a idéia de que a mulher brasileira é a mais sensual de todas. Quando se fala em carnaval, o que vem a mente? Mulheres nuas, gostosas. Nas novelas, quando pensamos no Rio de Janeiro o que vem a mente? As mulheres de fio dental ali na praia de Copacabana, então... você acha que eu iria vir aqui para o Brasil e não ficar com nenhuma brasileira??? Tá louco...

Percebe-se então que a falta de seriedade e compromisso, fatores apresentados pelas moçambicanas como motivos para não se relacionarem com brasileiros, aliada a forte representação sexual em volta da mulher negra e africana, parece constituir a razão, em direção oposta, que leva os moçambicanos a se relacionarem com as brasileiras, aqui também ligada à imagem em volta da sua sexualidade.

6.3. Circulação de bens

As casas, as repúblicas destes estudantes, tornam-se circuitos não só de pessoas, como visto, mas também de bens. Lugar onde frequentemente são organizadas festas, churrascos, almoços e grupos de estudo, estas casas também são palco de empréstimos materiais e econômicos entre os estudantes.

Todos os estudantes recebem, mensalmente, dinheiro de seus pais ou parentes que estão em Moçambique. Através de um cartão de duas redes bancárias moçambicanas com a função Visa, é possível sacar dinheiro na maioria dos caixas de cá, bem como operar na função débito. Não raro, por problemas técnicos dos bancos ou de lá ou de cá, este tipo de operação falha, sendo impossível levantar dinheiro por um, dois dias, e até por semanas. Quando isso ocorre, o desespero toma conta dos estudantes não lhes restando outra alternativa que não seja recorrer aos seus conterrâneos e pedir dinheiro emprestado.

Uma tarde, Marcelo chegou ao apartamento onde eu morava com uma expressão tensa e cara de preocupado, dizendo que precisava falar-me com urgência. Nenhum dos bancos estava aceitando tirar dinheiro da sua conta havia três (3) dias, e o aluguel vencia no dia seguinte. Teria como emprestar algum dinheiro? Ele me pagava assim que o problema se resolvesse. Como tinha um dinheiro sobrando, emprestei, claro; mas como não era suficiente para pagar o seu aluguel, ele teve que recorrer a outros estudantes até a quantia estar completa.

Também acontecia de alguém perder ou ter seu cartão bloqueado e os familiares em Moçambique depositarem na conta de um outro estudante para que este retirasse e repassasse ao respectivo dono. Uma vez, Miriam, ao consultar seu saldo bancário, reparou que havia quantia a mais do que costumava receber mensalmente de sua mãe.

Gastou todo o dinheiro, pensando que uma de suas amigas tivesse feito o depósito para que ela comprasse roupas e mandasse para Moçambique¹⁸. Depois, ficou sabendo que o dinheiro foi depositado pela mãe de Lídia, uma moçambicana amiga que teve problemas com o seu cartão, e que era para pagar as contas da casa. “*Mas ela avisou tarde, como eu iria adivinhar?*”, se desculpava Miriam. A partir desse dia a relação entre elas ficou estremecida, mesmo Miriam tendo devolvido o dinheiro depois.

Sempre de olho na cotação do dólar, afinal lá em Moçambique os parentes fazem o depósito na moeda norte-americana, há situações em que realmente o dinheiro enviado acabava no meio do mês e, não vendo outra solução, estes estudantes batiam de porta em porta em casa dos seus conterrâneos, até encontrar alguém que pudesse emprestar alguma quantia.

Também foi possível notar além de trocas financeiras, as trocas de bens materiais propriamente ditos. Durante o mês de maio/junho de 2009 todos os formandos estavam ocupados a escrever o trabalho de conclusão de curso. Mas nem todos possuíam um computador ou tinham Internet para digitar e fazer pesquisas. O que acontecia? Quem estivesse adiantado em sua pesquisa emprestava o *notebook* a outro (claro que não podia ser por um período longo) ou então iam pesquisar em casa de quem tivesse Internet. Muitas noites vi Miriam ou Kátia entrarem em casa com um *notebook* em mãos. Eu perguntava, de quem é esse *notebook*? “*Ah, é da Tânia*”. Ou, “*Ah, é da Elisa, ela me emprestou por esta noite para eu escrever meu TCC*”. Além dos *notebooks* havia empréstimo de aparelhos de som, video-game, aparelhos de DVD, DVD’s de filmes, chapinhas, secadores de cabelo, roupa, entre outros bens. Por morarem próximos uns dos outros, e terem livre trânsito entre suas casas, era frequente que esses objetos circulassem entre eles.

Tanto as trocas monetárias, como as trocas de bens materiais eram aqui marcadas pelas relações pessoais próximas, isto é, baseada na solidariedade e nas relações de amizade, que podiam ser estremecidas caso não houvesse o pagamento da dívida ou a devolução do objeto emprestado. Após uma tarde inteira de domingo com muita carne e cerveja, em um dos churrascos que os estudantes organizaram, Juvenal que esteve colocando música durante todo o evento, decidiu juntamente com o dono da casa e mais outros estudantes, que era a hora de parar de tocar. Já era tarde,

¹⁸ É comum amigos e familiares em Moçambique mandarem dinheiro para que os estudantes enviem roupas ou sapatos. Como disse anteriormente, o Brasil é o país referencial da moda.

argumentavam, dia seguinte seria segunda-feira e aquele era o momento de não mais incomodar os vizinhos e de todos se dispersarem.

Enquanto Juvenal tentava recolher o aparelho de som, Leandro (que já tinha bebido além da conta) irritado começou a gritar que aquilo era uma falta de respeito. Todos ali tinham contribuído para que houvesse o churrasco, esbravejava, ainda havia bebida na geladeira e, além do mais, aquele aparelho de som era dele pois tinha comprado de um outro estudante que estava de malas prontas para Moçambique. Como o som lhe pertencia cabia a ele, Leandro, decidir até que horas poderia se ouvir música. Bom, o resto dos estudantes já conhecendo o temperamento de Leandro, apenas riam e tentavam acalmá-lo e convence-lo a ir para casa. Mas Leandro não parava e continuava com as ofensas para cima de Juvenal. *Que moral tinha Juvenal para desligar o som e decidir quando o churrasco terminava? Primeiro que ele devolvesse o video-game e o dinheiro que pedira emprestado há tempos atrás, depois, quem sabe, ele pudesse tomar qualquer tipo de decisão.* A situação ficou tensa e se não fossemos todos nós a apartar a briga, este episódio acabaria em pancadaria entre os dois.

Quando um dos estudantes regressa para Moçambique, é comum deixar ou vender “à preço camarada” os seus bens para seus conterrâneos. Guarda roupas, mesa, cama, eletrodomésticos são passados para quem acabou de chegar ou para quem ainda tem alguns meses cá. Os próprios apartamentos são repassados de estudante para estudante: quem vai embora, deixa uma vaga que frequentemente é preenchida por um novo estudante moçambicano que está a chegar.

O apartamento em que atualmente (2010) morava Helton, no ano de 2009 residiam três estudantes que já se formaram e voltaram para Moçambique. Hoje moram três novos estudantes que chegaram há dois anos, sendo Helton o único que restou da antiga república. O mesmo aconteceu na casa de Cláudio, o local onde geralmente ocorriam os churrascos. Se no primeiro semestre de 2009 ele morava com um moçambicano e um angolano, depois destes se formarem, mudaram-se para a casa dois estudantes moçambicanos que moravam em outra parte da cidade de Belo Horizonte. Segundo Cláudio, durante estes cinco anos que ele mora no Brasil já passaram pela casa onde ele está muitos estudantes moçambicanos que vieram e posteriormente regressaram.

Percebe-se, pois, que estas trocas se dão pelas relações de solidariedade e reciprocidade no sentido usado por Mauss (2003). Entende-se no *Ensaio sobre a dívida*

que a experiência da troca, sendo um ato aparentemente livre e gratuito se mostra simultaneamente obrigatório e interessado permitindo assim uma comunicação entre os homens, além da inter-subjetividade e da sociabilidade. Mauss mostra que o vínculo que a dádiva estabelece entre o doador e o donatário é demasiado forte para ambos, configurando-se em um valor simbólico no qual as coisas trocadas possuem um valor sentimental que leva com que nas relações de troca haja, portanto, uma troca de almas; afinal “as coisas vendidas têm ainda uma alma, são ainda seguidas pelo antigo proprietário e o seguem” (MAUSS, 2003, p.295).

Dessa maneira, como bem lembra Lanna (2000) ao analisar a obra clássica de Mauss, essa “circulação de riquezas” (que podem incluir serviços militares, danças, festas, gentilezas, banquetes, mulheres) liga-se à noção de *aliança*, que se configura como um momento de contrato mais geral e muito mais permanente, um contrato social. Na obra de Mauss percebe-se que são pelas trocas de objetos, como também trocas de visitas, festas e gentilezas, é pelo constante dar-e-receber que se postula um entendimento da constituição da vida social.

Machado (2003) ao pesquisar os imigrantes brasileiros no Porto notou que entre eles também era “muito comum amigos que participam de uma mesma rede engajarem-se em trocas de bens variados, como ativadores de complexos mecanismos de reciprocidade” (MACHADO, 2003, p. 143). Assim como entre os estudantes moçambicanos em Belo Horizonte, a sociabilidade entre aqueles imigrantes era garantida por meio dessa relação de troca, a partir do momento em que “essa forma socializada, na qual quem dá continuidade aos círculos de prestação são pessoas não diretamente envolvidas na troca *original*, mas membros da mesma *comunidade*”. (MACHADO, 2003, p. 144)

Durante o capítulo percebeu-se de que maneira as relações de parentesco são, pois, criadas entre estes estudantes. Por meio da convivência intensa na mesma casa, do compartilhamento do mesmo alimento e da circulação financeira e de bens materiais as redes de sociabilidade são fortificadas e as relações de parentesco produzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, a maioria dos estudantes já estava na fase final dos seus cursos em 2009, sendo a colação de grau o momento do ano mais esperado por uma parte daqueles estudantes. Além de se apressarem com seus trabalhos de conclusão de curso, em que grande parte dos temas tinha alguma relação com Moçambique (como a malária ou projetos de desenvolvimento agropecuário), eles estavam empenhados em organizar uma festa (entre eles) numa chácara com piscina, em comemoração a essa meta atingida. Para a realização da festa cada um dos oito formandos do curso de veterinária e de administração, iria contribuir com uma certa quantia monetária que permitisse custear o aluguel da chácara, as bebidas e as comidas.

A cerimônia de colação, realizada no Minas Centro, contou com a presença de amigos e colegas dos formandos: moçambicanos que estudavam em outras cidades, angolanos, cabo-verdianos, guinenses, brasileiros e alguns pais que vieram propositadamente para presenciar seus filhos se graduando. Após a cerimônia, que destacou uma das moçambicanas, aluna de veterinária, como a melhor aluna do curso, e depois de muitas fotos, beijos e abraços, os moçambicanos e os convidados dos formandos seguiram para a chácara que ficava do outro lado da cidade e na qual iria ocorrer a tão esperada festa.

As iniciais dificuldades, o estranhamento, o processo de exotização, o racismo, o estar em um lugar diferente são aspectos deixados para trás, por momentos, quando se recebe o diploma. Como uma das estudantes respondeu-me quando a perguntei se, no final, teria valido a pena ter vindo.

Amina: Nós aqui passamos muitas dificuldades, sabe? Cinco anos longe dos nossos, do seio familiar, não é fácil. E tenho a certeza de que a maioria só agüenta isso porque, no final de tudo, quer isto (mostra o canudo), receber um diploma e levar pra família. Mostrar aos pais “olha, já sou doutor”, valeu a pena. Uma forma de não ser igual aos outros, de destacar, de melhorar a sua vida e a da sua família. Você sabe, em Moçambique a vida é dura, muito dura.

Pela fala da estudante, percebe-se que aqui as coisas não são fáceis, sente-se uma dificuldade. Não uma dificuldade que anula o que vem pela frente, porque lá em

Moçambique a vida continua a ser difícil, a vida é dura. Mas, o valor do canudo traz uma esperança de que tudo possa ser diferente. O pensamento agora, ao se voltar ao regresso para Moçambique, abraça o reencontro do calor humano, a melhoria de vida, o bom emprego e o reconhecimento prático profissional. As preocupações destes estudantes, como se nota nos depoimentos seguintes, estão direcionadas agora em cumprir as expectativas pessoais, assim como as familiares (afinal a maioria dos estudantes é sustentada pelos seus pais e parentes e sente-se na obrigação de retribuir isso através da colocação em bons empregos):

Henrique: O que eu mais me preocupo quando voltar à Moçambique, depois de cinco anos a morar fora é em relação ao emprego, em cumprir com as minhas expectativas e com as dos meus pais também. Afinal sendo sustentado por eles durante este tempo todo, o mínimo que me cabe é estar num bom emprego a ganhar um bom salário (...) Isso me preocupa muito, se vão me pagar o que eu necessito, se eu vou conseguir viver com o que vão me dar. Se o meu diploma realmente terá peso. Porque lá na terra é diferente: a vida é diferente é tudo mais árduo.

Por fim, parece claro que ainda que estes estudantes possam ter feitos muitos amigos ou ainda que eles tenham conhecido bastante pessoas; mesmo que durante todo este período de permanência no Brasil tenha sido uma experiência rica em vários aspectos, ainda assim há momentos em que o que simplesmente se quer, é voltar para casa e para os seus familiares.

Milú: O que mais sinto falta em Moçambique é o calor humano. Aqui as pessoas são muito frias, cada um na sua vida. Você tem bons amigos, mas nas horas mais difíceis você se sente sozinho. Lá temos os familiares, os amigos, os vizinhos, o conforto. Aqui, você não encontra nada disso.

Analisando a vinda, permanência e o regresso destes estudantes moçambicanos é possível concordar com Fonseca (2009) no que tange ao sentimento de falta de lugar destes sujeitos (ainda que o autor se referisse aos estudantes angolanos). Fonseca (2009) chama a atenção para o fato de que este tipo de movimento migratório, que é

temporário, ao inserir os estudantes em um universo diferente daquele deixado em sua terra natal em um cotidiano multifacetado, plural e altamente dinâmico altera profundamente a maneira destes estudantes enxergarem o mundo e a si mesmos. Referências identitárias, vínculos sociais e afetivos se modificam, pois, durante o período de permanência no Brasil.

Ao longo da dissertação foi possível perceber as diferentes formas de construção dos processos identitários destes estudantes moçambicanos estabelecidos na cidade mineira de Belo Horizonte. Cruzando conceitos como etnia, raça e nacionalidade junto com outras noções relacionadas - as redes familiares, de amizade e de parentesco - e procurando manter como enfoque a variabilidade da sua realização conjunta como instrumentos teóricos da auto-definição dos estudantes e também da sua definição pelos outros, buscou-se, igualmente, compreender e captar as dinâmicas através das quais são tecidas as redes de sociabilidade desses estudantes no cotidiano brasileiro, confrontando-as, sempre que possível e oportuno, com dinâmicas observadas noutros quadrantes geográficos e socioculturais. Com base nesse percurso, pode-se, chegar às considerações que se seguem.

O discurso em relação a amizade aparece como uma categoria fundamental para se estabelecerem relações de sociabilidade entre os estudantes. Pode se perceber a amizade tanto de uma maneira mais “formal” - aproximando Brasil e Moçambique do ponto de vista político (responsável pela grande presença de estudantes moçambicanos em território brasileiro) -, como também sob a ótica de um discurso presente cotidianamente, que vai criando mais intimidades entre os estudantes em Belo Horizonte. As relações de amizade aqui, mediadas por brincadeiras ou fofocas, vão aproximando ou distanciando as pessoas e criando nos estudantes identificações fortes uns com os outros .

As redes de sociabilidade são tecidas nas casas desses estudantes (por meio de festas, churrascos e almoços) onde se registam os mais variados e acalorados convívios entre moçambicanos e africanos de outras nacionalidades, ou nos bares que circundam suas repúblicas, onde interagem mais com brasileiros. Festas e churrascos atuam como rituais de proteção coletiva e uma válvula de escape ao cotidiano vivido por esses estudantes que são marcados pelo exotismo e racismo a que estão sujeitos, pelos conflitos e inseguranças de estarem em um lugar que não lhes pertence. Através de penteados, trajes e comidas (que transformam-se em marcadores étnicos) são nesses

eventos festivos, principalmente nas comemorações do dia da independência que se faz brotar um sentimento de pertença e de identificação com um só país.

São nas casas, nas repúblicas desses estudantes, que ocorrem trocas de bens materiais e financeiros, na ordem de laços de solidariedade, bem como são compartilhados o mesmo alimento, criando-se alianças e levando à produção e consolidação de redes e núcleos familiares e de parentesco que, por sua vez, ditam diversos tipos de relacionamentos amorosos e de amizade entre os estudantes. Uma vez constatado que o “habitar com outro”, que já é igual a si mesmo - dada a proximidade espacial e sociocultural fortemente estabelecida - *relaciona* e favorece a criação de laços de parentesco de natureza diversa, a ponto de produzir nos estudantes a idéia de incesto, caso se relacionem intimamente entre si, estes procuram parceiros(as) de outra nacionalidade: as moçambicanas se envolvem com homens de outra nacionalidade africana, preferencialmente angolanos, enquanto os moçambicanos ficam mais com brasileiras. Quando os parceiros(as) são moçambicanos(as), está subjacente que estudam em outra cidade, isto é, localizam-se fora do centro de relações aqui descrito.

Entre os estudantes moçambicanos em BH, cujas idades variam entre os 20 e os 27 anos, as identidades são construídas por via do cruzamento daquilo que eles próprios consideram *tradicionalmente* nacional, isto é, um conjunto diversificado de elementos tomados essencialmente como características capazes de conferir exclusividade a uma almejada categoria de moçambicanidade. Tais elementos seriam, entre outros, a música moçambicana – a sua música -, as suas danças, sua capulana, suas gírias e seu sotaque revestido de novos valores – necessariamente estratégicos -, nova maneira de pensar e de agir na sociedade, estes últimos adquiridos e desenvolvidos das relações, também novas, tecidas no cotidiano brasileiro.

As situações de discriminação relatadas parecem reforçar aquilo que Guimarães (2003) considera central, isto é, a categoria predominante em termos de classificação social passou a ser “cor” e não “raça”, sendo a classificação por cor orientada pela idéia de raça, ou seja, “a classificação das pessoas por cor é orientada por um discurso sobre qualidades, atitudes e essências transmitidas por sangue, que remontam a uma origem ancestral comum numa das *subespécies humanas*” (Guimarães 2003, p.103). Estando os estudantes inseridos numa sociedade na qual as pessoas consideradas negras/pretas estão propensas a serem discriminadas, percebe-se que esse preconceito de cor se

desfaz, em algumas situações, a partir do momento em que o sotaque estrangeiro se faz notar, dando lugar a um outro fenômeno, o do exotismo.

A partir do momento em que os estudantes moçambicanos começam a falar, o comportamento que vinham recebendo muda, chegando, na maioria das vezes, a ser irritante para os estudantes, dados o excesso de atenção e curiosidade, cujos efeitos apontam para uma tendência de reforçar, conscientemente ou não, os discursos assentes em formas estereotipadas e movidos pelo deslumbramento perante o exótico. Situação que causa um certo mal estar aos estudantes moçambicanos, chega a levar a uma exclusão dos brasileiros do seu círculo de amigos.

Daqui se pode concluir, por outro lado, que a língua e o sotaque desempenham um papel crucial na construção/desconstrução das identidades dos estudantes, ao serem estrategicamente ajustados por eles, de acordo com os contextos de situação vivenciados cotidianamente. Em situações de racismo, os estudantes tendem a socorrer-se dos traços distintivos da sua língua, incluindo o sotaque; mas em situações de exarcebação, solidificação e essencialização de estereótipos, esses mesmos traços (sotaque inclusive) tendem a ser camuflados.

É a partir desses elementos que os estudantes tentam se situar cotidianamente na sociedade brasileira, estabelecem suas redes de sociabilidade e vão construindo e reconstruindo suas identidades. Novos contatos e conhecimentos, angústias, dúvidas, planos e sonhos se mesclam e fazem surgir, indubitavelmente, novos sujeitos históricos e socioculturais.

Bibliografia

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In Streiff-Fenart, J. **Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth/Philippe Puotignat**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

CABAÇO, José L. de O. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, FFLCH, USP. São Paulo. 2007.

CARSTEN, J. **After Kinship**. Cambridge University Press: Cambridge, 2004.

_____. The Substance of Kinship and the Heat of the Hearth: Feeding, Personhood, and Relatedness among Malays in Pulau Langkawi. **American Ethnologist**, vol. 22, nº 2 (may, 1995, PP. 223-241.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O conceito de sociedade em antropologia. In. **A inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia**. Editora: Cosac & Naify. 2002.

CARDOSO, R. (org). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 2ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

CANESQUI, Ana Maria. Antropologia e Alimentação. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 22, n. 3, 1988.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo. Editora: Cosac & Naify. 2009.

_____. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. 2ª edição. São Paulo. Brasiliense. 1987.

_____. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. In: **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. 2ª edição. São Paulo. Brasiliense. 1987.

EVANS-PRITCHARD, E.E., **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva S.A. 2002.

FRY, P., **O espírito santo contra o feitiço e os espíritos revoltados: “civilização” e “tradição” em Moçambique**, In: *Mana* v.6 n.2, Rio de Janeiro, out. 2000.

_____, Culturas da diferença: seqüela das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África Austral, In: **Afro-Asia**, n.29-30., p.271-316, 2003.

_____, O que a Cinderela Negra tem a dizer sobre a ‘política racial’ no Brasil, In: **Revista da USP**, n. 28, 1995.

FONSECA, Claudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cad. Pagu** [online], 2007, n.29, pp.9-35.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**. Rio de Janeiro. Editora 34, 2008.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Preconceito de cor e racismo no Brasil. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-44, 2004.

_____. Como trabalhar com "raça" em sociologia. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 01, p. 93-108, 2003.

GUSMÃO, Neusa. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: **Colóquio e Saber**, Focus. Unicamp, v.10. 2008

_____. Os Filhos da África em Portugal. **Antropologia, multiculturalidade e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Trajetos identitários e negritude: jovens africanos no Brasil e em Portugal. **IMPULSO, Revista de Ciências Sociais e Humanas**.Vol. 17, nº 43, maio/agosto 2006. Piracicaba,SP:UNIMEP

_____. Os filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação. **VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. CES. Coimbra. 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Ed: UFMG, Belo Horizonte, 2003.

_____. A identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, vol.24. Brasília, 1996.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A editora, 2000.

_____. “Quem precisa da identidade?” In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz T. (org). Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

HERITIER, F. **Two sisters and their mother: the anthropology of incest**. New York, Zone Books, 1999. (Parte I)

KALY, ALAIN P. Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial. In: **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. Brasília, p. 463 – 478, 2001.

_____. O Ser Preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro: Um sociólogo senegalês no Brasil. In: **Lusotopie**. p.105-121.2001.

LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia e Política** no 14: 173-194 JUN. 2000

MACHADO, Igor. **Cárcere Público: o processo de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal**. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH, UNICAMP. Campinas. 2003.

_____. Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 167-187, jan./jun. 2009.

_____. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. In: **Revista de Antropologia**, vol.47, n. 1, p.207-233. 2004.

_____. Imigrantes brasileiros no Porto: aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas”. In: **Lusotopie**, p.121-140. 2004.

_____. Estereótipos e preconceito na experiência dos imigrantes brasileiros no Porto, Portugal”. In: **Travessia, Revista do Migrante**, nº. 51, janeiro/abril, 2005.

_____. A Lusofonia e os Lusófonos: novos mitos portugueses. In: **Mana**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2002 .

_____. Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En línea], Debates, 2007, Puesto en línea el 07 juin 2007. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index5889.html> DOI : en cours d'attribution

MACIEL, Maria Eunice. Cultura e Alimentação ou o que Têm a Ver os Macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, 2001.

MACAGNO, L. “Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica: Jorge Dias entre Portugal e Moçambique”. In: *Afro-Ásia*, n. 28. pp 97-124.2002.

_____. Um antropólogo norte-americano no “mundo que o português criou: relações raciais no Brasil e Moçambique segundo Marvin Harris”. In: **Lusotopie**, pp. 143-161. 1999.

_____. “Os Livros de Momade: Islã e ‘Saber Local’ no Norte de Moçambique”. In: **Campos - Revista de Antropologia Social**, América do Sul, 5 6 07 2005.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Revista Tempo Social**. vol.15 no.1 São Paulo. 2003.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In MAGNANI, J.G.; TORRES, L. (org). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

MAGNANI, J. G.; MANTESE, B. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo. Editora Abril, 1978.

MINTZ, Sidney W. Comida e Antropologia: Uma Breve Revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, 2001.

NOGUEIRA, O. “Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”. **Revista Anhembi**, abril. São Paulo. (Republicado em Tanto preto, quanto branco, em 1985).

OLIVEIRA, R. C. “Etnia e estrutura de classes: a propósito da identidade e etnicidade no México”. In: **Seminário Avançado de Estudos Étnicos**. Centro de Investigaciones Superiores Del Instituto Nacional de Antropología e História (CIS-INAH). México.1979.

_____ “Identidade Étnica, Identificação e Manipulação”. In: **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo. Ed. Thomson-Pioneira, 1976.

_____ “Identidade e estrutura social”. In: **Anuário antropológico-78**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro. 1980.

_____ “Os (des) caminhos da identidade”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Fevereiro, Vol.15, n. 42, pág. 07-21, 2000.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar. 2003

PINA-CABRAL, J. “A identidade social: uma aproximação à relevância da categoria”. In: **Instituto de Ciências Sociais**. Universidade de Lisboa. 2002.

SAHLINS, Marshal. **Ilhas de Histórias**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1990.

RADCLIFFE-BROWN, A. “Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento”, In Radcliffe-Brown. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**, São Paulo, Ática, 1978

REZENDE, Cláudia. Amizade, igualdade e diferença: *uma comparação entre discursos no Rio de Janeiro e em Londres*. Artigo apresentado no I Simpósio Internacional: **O desafio da diferença**. GT1: A Antropologia social de raça, classe e gênero. /<http://www.desafio.ufba.br/gt1-009.html>. 2000

RIGAMONTE, Rosani C. Severinos, Januários e Raimundos: notas de uma pesquisa sobre os migrantes nordestinos na cidade de São Paulo. In MAGNANI, J.G.; TORRES, L. (org). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

SAHLINS, Marshal. **Ilhas de Histórias**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1990.

_____. **Como pensam os nativos: sobre o Capitão Cook, por exemplo.** São Paulo: Edusp, 2001.

STRATHERN, M. **The relation: issues in complexity and scale.** Cambridge: Prickly Pear Press, 1995

_____. *Reproducing the future: Essays on anthropology, kinship and the new reproductive technologies.* New York, Routledge, 1992

SCHNEIDER, D. **American Kinship: a cultural account.** New Jersey: Prentice-Hall, 1968.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade. Cadernos Pagu (23). Unicamp. 2004.

SILVA, Victor H. M. K. *After Kinship.* Cambridge University Press: Cambridge, 2004. Resenha publicada TEORIA & PESQUISA VOL. XVI - nº 02 - JUL/DEZ DE 2007.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Moraes Filho, Evaristo (Org.) Simmel. São Paulo: Ática, 1983a

SAYAD, A. O que é um imigrante? In: **Peuples méditerranéens, A imigração ou os paradoxos da alteridade.** Edusp. nº 7. p. 3 - 23. 1979.

SVARTMAN, E.M. “As relações do Brasil com a África Lusófona nos anos 1970”. In: **História: debates e tendências.** Passo Fundo, V. 6, nº 1, p. 5-21, 1º sem. 2006.

SERRA, C. (org). **Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização.** Livraria Universitária. UEM. Maputo.1998

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. “Resenha sobre A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral, Fry, P”. In: **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 287-292, jan./jun. 2006.

SUBUHANA, C. **Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFRJ. 2005.

THOMAZ, O. R. “Democracia por entre classes e raças”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 170-172, 2003

_____. “Campos, aparato repressivo e construção social do inimigo: notas sobre a cooperação da RDA em Moçambique”. In: Kelly Cristiane da Silva; Daniel Scroeter Simião. (Org.). **Timor Leste por trás do palco. Cooperação internacional e a dialética da formação do Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, v. 1, p. 383-416.

TELLES, E. **Racismo à brasileira: Uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2003.

VIDA, S. S. “Africanos no Brasil: uma ameaça ao paraíso racial”. In: **Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas**. Brasília, p. 449 – 462, 2001.

VILLAR, D. “Uma Abordagem Crítica do Conceito de “Etnicidade” na Obra de Fredrik Barth”. In: **Mana**, Abril, Vol. 10, n. 1, pág. 165-192, 2004. ISSN 0104-9313.

ZALUAR, A. (1986). Teoria e prática do trabalho de campo: Alguns problemas. In: R. C. L. Cardoso (Org.), **A aventura antropológica: Teoria e pesquisa** (pp. 107-125). Rio de Janeiro: Paz e Terra.